

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Filipe Dias Führer

**FUTEBOL: Análise Descritiva dos Gols do Campeonato Brasileiro de 2013 –
Série A**

Porto Alegre
2014

Filipe Dias Führer

**FUTEBOL: Análise Descritiva dos Gols do Campeonato Brasileiro de 2013 –
Série A**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Escola de Educação Física
da Universidade do Rio Grande do Sul -
UFRGS - como requisito para a obtenção
do título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. José Cícero Moraes

Porto Alegre
2014

Filipe Dias Führer

**FUTEBOL: Análise Descritiva dos Gols do Campeonato Brasileiro de 2013 –
Série A**

Conceito final:

Aprovado em 07 de julho de 2014

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alberto de Oliveira Monteiro – UFRGS

Orientador – Prof. Dr. José Cícero Moraes - UFRGS

À comunidade envolvida no futebol. Este trabalho é mais uma contribuição a treinadores, auxiliares, analistas, jornalistas e outros personagens participantes deste esporte fantástico.

AGRADECIMENTOS

Neste momento importante da minha vida (fim de um ciclo), preciso agradecer a todas as pessoas que contribuíram com a minha formação, seja pessoal ou profissional. Foram três anos e meio dedicados aos estudos universitários. Porém, meus agradecimentos não ficam restritos a este período. Com isso, agradeço...

Aos meus pais, que são minhas referências. Ao meu pai Wolf Führer, por ser minha inspiração e ter me mostrado que a vida (e as coisas) pode (m) ser objetiva (s), alegre (s), séria (a) e satisfatória (s), tudo ao mesmo tempo. À minha mãe Kátia Dias, por ser meu porto seguro, minha torcedora “número um”, minha companheira nos momentos alegres e tristes, e uma mãe sempre disposta a ajudar seus filhos.

Aos meus irmãos, que são partes de minha vida e me complementam com suas personalidades diferentes. Às minhas irmãs Luciana e Camila e ao meu irmão Rodrigo, que é meu companheiro de bola e uma das maiores alegrias que eu poderia ter.

Aos meus outros familiares, que contribuem com meu crescimento e demonstram carinho por mim nas mais diversas esferas e situações.

Aos meus cachorros Luna e Brutos, que demonstram lealdade e parceria, sobretudo em momentos de estudo e solidão.

À minha namorada Bianca Maccari, por me permitir ter o melhor dos sentimentos – o amor, por me completar, e por me apoiar e entender nos momentos mais complicados. Que este namoro iniciado na ESEF possa percorrer o mundo, sempre nos ajudando mutuamente e crescendo juntos.

Aos meus atletas de E. C. Cruzeiro e Azzurra A. C. e às minhas atletas de Ogras F. C.. As experiências com vocês ficarão eternamente na memória e, certamente, me permitiram crescer não só como treinador, mas também como pessoa.

Aos meus amigos de colégio, da faculdade e da vida, que me proporcionam momentos de muita alegria e companheirismo.

Aos meus professores de Colégio Anchieta e da ESEF/UFRGS, que me ensinaram conteúdos, sim, mas me mostraram como é ser um cidadão da vida.

Ao meu professor, amigo e orientador, José Cícero Moraes, que me conduziu neste trabalho de forma brilhante, tendo paciência, competência e comprometimento com a causa.

Ao professor Marcelo Cardoso, que me auxiliou na parte estatística e contribuiu com os dados expostos.

Às pessoas que me permitiram realizar este trabalho, fornecendo o material para as análises, ou colaborando com os dados estatísticos. Ângela Crivellaro, João Roberto Sauthier, Prof. Marcelo Cardoso e Rodrigo Alonso merecem meu agradecimento.

Ao futebol, por me proporcionar os melhores sentimentos de felicidade e prazer. Que ele continue sendo a minha vida profissional e permita-me crescer e desenvolver minhas capacidades.

A Deus, finalizando, mas não sendo menos importante. Ele me deu o dom da vida e me conduz (e conduzirá) a um caminho de eternas conquistas.

A todos estes...

Muito obrigado!

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.”

(Arthur Schopenhauer)

RESUMO

O objetivo deste estudo foi analisar descritivamente o processo de construção do gol, no futebol, a partir das seguintes variáveis intervenientes: situacional, espacial, temporal, tarefa e jogador. A amostra constituiu-se dos 936 gols anotados na Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol de 2013. A análise das imagens foi realizada por dois avaliadores, e a concordância intra e interobservador foi referendada pela aplicação do índice *Kappa* de *Cohen*. Para descrever o perfil do fenômeno observado, recorremos à estatística descritiva unidimensional, representada pelas frequências absolutas e percentuais relativos a cada uma das categorias que comportam cada variável de estudo. Os principais resultados evidenciaram que: os gols ocorreram com maior frequência a partir dos 31 minutos ao fim do 2º tempo; o erro do adversário foi o fator que mais originou o acontecimento do gol; 78,31% dos gols foram realizados a partir de uma finalização dentro da área; o quadrante da baliza com maior acontecimento do gol foi o espaço inferior direito do goleiro; de zero a três passes, e de zero a cinco segundos corresponderam a maior frequência para organização do gol; e quem marcou primeiro, em 69% das situações, foi o vencedor do jogo. Concluiu-se, entre outros fatores, que no Campeonato Brasileiro de 2013 as equipes evidenciaram muita velocidade e pouca posse de bola nas marcações dos gols, mostrando também que o futebol brasileiro caracterizou-se por usar, prioritariamente, a área para finalizar a gol, e que marcar o primeiro gol do jogo oferece maior possibilidade de vitória.

Palavras-chave: Gol. Futebol. Campeonato Brasileiro. Análise de jogo.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyse descriptively the process of the construction of the goal in the soccer from the following influential variables: situational, spatial, temporal, task and player. The sample is based on 936 goals scored in the Série A of Brazilian Championship in 2013. The analysis of the images was realized by two people, and intra and interobserver agreement had as a reference the application of the *Kappa of Cohen* index. In order to describe the profile of the phenomena observed the unidimensional descriptive statistic was used, represented by absolute frequencies and percentage related to each category that represents each study variable. The main results highlighted that: the goals occurred more often from the 76 minutes till the end of the game; the mistake made by opponent was what mainly made the goal happen; 78,31% of the goals occurred from a final act of the player inside the penalty area; the place where most of the goals occurred was the right-hand down of the goalkeeper; the highest frequency for the organization of the goal was from 0 to 3 passes and from 0 to 5 seconds; and in 69% of the situations who scored first was the winner of the game. Among other factors, it has been concluded that, in the Brazilian Championship in 2013, the teams showed a lot of speed and few passes up to the moment of the goal, showing that Brazilian soccer had characteristics to use the penalty area, as a priority, to score the goal, and that scoring the first goal of the game offers a higher possibility for victory.

Key-Words: Goal. Soccer. Brazilian Championship. Match analysis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Campograma. Fonte: Adaptado de BATISTA (2004) | 36 |
| Figura 2 - Quadrantes da baliza. Fonte: GIB (2013) | 37 |
| Figura 3 - Número de gols por rodada | 41 |
| Figura 4 - Gols pró por níveis de classificação | 42 |
| Figura 5 - Gols sofridos por níveis de classificação | 43 |
| Figura 6 - Quantidade de ordem de ocorrência dos gols | 44 |
| Figura 7 - Quantidade de gols marcados pelos mandantes e visitantes | 45 |
| Figura 8 - Índice de gols nos tempos de jogo | 46 |
| Figura 9 - Percentual de gols de acordo com suas origens | 48 |
| Figura 10 - Quantidade de gols nas zonas do campo | 50 |
| Figura 11 - Principais zonas de último passe anterior ao gol | 52 |
| Figura 12 - Quantidade de gols em cada quadrante da baliza | 54 |
| Figura 13 - Quantidade de jogadores envolvidos nos gols | 55 |
| Figura 14 - Quantidade de gols por posições | 58 |
| Figura 15 - Formas de realização dos gols | 59 |
| Figura 16 - Quantidade de toques do finalizador | 60 |
| Figura 17- Quantidade de passes anteriores ao gol | 61 |
| Figura 18 - Tempo da jogada na construção dos gols | 63 |
| Figura 19 - Marcação do primeiro gol x resultado da partida | 64 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Quantidade de passes nas principais zonas do campo | 53 |
| Tabela 2: Posições dos atletas e suas participações nos gols | 57 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 13 |
| 1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA..... | 13 |
| 1.2 JUSTIFICATIVA..... | 15 |
| 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO..... | 16 |
| 2 REVISÃO DE LITERATURA | 18 |
| 2.1 CAMPEONATO BRASILEIRO | 18 |
| 2.2 ANÁLISE DE JOGO..... | 19 |
| 2.3 ESTUDOS CENTRADOS EM VARIÁVEIS RELACIONADAS AO CENÁRIO DE ACONTECIMENTO DO GOL..... | 21 |
| 2.3.1 Mando de campo | 21 |
| 2.3.2 Tempo do gol | 23 |
| 2.3.3 Origem do gol | 24 |
| 2.3.4 Zonas do campo | 27 |
| 2.3.5 Quadrante da baliza | 29 |
| 2.3.6 Posição do finalizador | 30 |
| 2.3.7 Forma de finalização | 31 |
| 2.3.8 Quantidade de toques do finalizador | 32 |
| 2.3.9 Quantidade de passes | 32 |
| 2.3.10 Tempo da jogada | 34 |
| 3 METODOLOGIA | 35 |
| 3.1 AMOSTRA | 35 |
| 3.2 DEFINIÇÕES CONCENTUAIS DAS VARIÁVEIS ANALISADAS | 35 |
| 3.2.1 Variáveis de rendimento | 35 |
| 3.2.2 Variável situacional | 36 |
| 3.2.3 Variáveis espaciais | 36 |
| 3.2.4 Variáveis temporais | 38 |
| 3.2.5 Variáveis da tarefa | 38 |
| 3.2.6 Variáveis do jogador | 39 |
| 3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS | 39 |
| 3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS | 39 |
| 3.5 ANÁLISE DOS DADOS..... | 40 |
| 3.6 FIABILIDADE DAS OBSERVAÇÕES..... | 40 |
| 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO | 41 |
| 4.1 ANÁLISE DESCRITIVA..... | 41 |
| 4.1.1 Números gerais do Campeonato Brasileiro 2013 (Série A) | 41 |
| 4.1.2 Número de gols pró e contra por níveis de classificação | 42 |
| 4.1.3 Ordem do gol | 43 |
| 4.1.4 Mando de campo | 44 |
| 4.1.5 Tempo do gol | 45 |
| 4.1.6 Origem do gol | 47 |
| 4.1.7 Zonas do campo | 49 |
| 4.1.8 Quadrante da baliza | 54 |
| 4.1.9 Quantidade de jogadores | 55 |
| 4.1.10 Posições dos finalizadores e dos jogadores envolvidos | 56 |
| 4.1.11 Forma de finalização | 58 |
| 4.1.12 Quantidade de toques do finalizador | 60 |

| | |
|---|-----------|
| 4.1.13 Quantidade de passes | 61 |
| 4.1.14 Tempo da jogada..... | 62 |
| 4.1.15 Marcação do primeiro gol x resultado da partida | 64 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 66 |
| REFERÊNCIAS | 69 |
| ANEXO A – TABELA DE ANÁLISE | 74 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA

O futebol sempre passou por processos evolutivos. Desde sua criação, regras foram modificadas e adaptadas, conceitos foram atualizados, a concepção do jogo foi alterada, e os praticantes e aficionados descobriram outra forma de enxergar este esporte magnífico mundo afora.

Neste cenário de permanente evolução, houve o período dedicado às questões físicas, às capacidades técnicas, aos pensamentos táticos, enfim, a cada ano alteravam-se os parâmetros, e o futebol tornava-se mais completo, mas a vontade de estar preparado, possibilitando maiores chances de vitórias e conquistas, era o objetivo de todos os envolvidos.

Talvez a melhor palavra seja reforma: o esporte é o mesmo, mas a forma de jogá-lo está mudando. E estamos vivendo a etapa mais empolgante deste processo, em que a cada dia, a cada semana, a cada ano, surge um aspecto diferente; o progresso se acelera... (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 25).

Esta citação acima relata exatamente o que vivemos atualmente. Inúmeras informações chegam até nós, agregando novos aspectos e deixando-nos atualizados no futebol. Mas, além disso, parece estar bem evidenciada a necessidade de avançar e buscar cada vez mais informações sobre esta modalidade.

Neste contexto, sua importância deixou de ser apenas o jogo propriamente dito, pois patrocinadores, imprensa, marketing de atletas e outras áreas estão sendo inseridas neste esporte. Com isso, muita gente considera-se envolvida e conhecedora do futebol. “Costuma-se dizer que, no Brasil, existem quase 200 milhões de treinadores” (PIFFERO *apud* CARRAVETTA, 2009). Esta frase simboliza o processo descrito anteriormente. O torcedor por si só já é um “treinador de futebol”.

Por conseguinte, com o crescente número de informações vindas de todas as partes vinculadas ao jogo, pode-se dizer que não há um consenso dos aspectos importantes relativos a uma equipe de futebol. Alguns acreditam que vencer basta. Outros, que o futebol deve ser bem jogado e a vitória será consequência de tal fato. Ora, mas o que seria jogar bem futebol? Isto varia de cultura a cultura, de pensamento a pensamento. Justamente por concordarem com a variação de ideias mencionada acima, treinadores buscam ganhar campeonatos e dar uma “cara” a sua equipe. Porém, em muitas vezes, o segundo aspecto é oprimido pelo primeiro. É o ganhar a qualquer custo.

“Os empíricos até hoje dizem que o esporte é dominado pelo acaso. Uma bola desvia no zagueiro e engana o goleiro. Pronto. O destino decidiu mais um jogo” (ANDERSON; SALLY, 2013, p. 10). Este trecho assemelha-se àquela porcentagem de pessoas que acredita na sorte e no destino para a resolução de uma partida de futebol. Por outro lado, os mesmos autores também afirmam que: “Mas com um pouco de estudo percebe-se que a bola foi chutada por um atacante que concluiu 70% das jogadas naquela região do campo...”. Há, agora, o outro lado da análise, valorizando o estudo do jogo.

Para a evolução do esporte, faz-se necessário o estudo. E ele pode ser conduzido de várias formas. Uma delas é através da estatística. Os dados numéricos (quantitativos) podem caracterizar as ações do jogo e indicar possíveis parâmetros qualitativos dentro das equipes de futebol. Com estes “números”, profissionais da área terão um embasamento e poderão realizar suas análises de forma fidedigna à ação.

A estatística pode ser considerada por muitos como um detalhe do jogo. Porém, com uma semelhança a níveis técnico, tático, físico e psicológico, o detalhe é fundamental para diferenciar uma equipe da outra. Com ela, pode haver uma melhora individual e coletiva e, conseqüentemente, vitórias e conquistas podem ser alcançadas.

Pela estatística, algumas perguntas podem ser feitas: “Qual a forma mais comum de finalização?”; “Qual a zona espacial do campo de jogo é a mais utilizada na construção do gol?”; “Quanto toques na bola o finalizador precisa realizar antes de arrematar à baliza?”; “Quanto tempo uma equipe fica em posse de bola até marcar o gol?”, entre outras.

Devido a todo este contexto, visando responder questões desta natureza, este trabalho procura atender aos objetivos descritos a seguir:

Objetivo geral: analisar descritivamente os gols assinalados no Campeonato Brasileiro de futebol de 2013 da Série A.

Objetivos específicos:

- identificar os gols marcados e sofridos pelos níveis de classificação;
- quantificar os gols marcados por uma mesma equipe em um jogo específico;
- relacionar o mando de campo com a marcação dos gols pelas equipes;
- identificar o intervalo de tempo de jogo com maior incidência de gols;
- identificar a maior ocorrência de gols segundo as suas origens;
- conhecer a forma mais comum de finalização resultante em gol;
- identificar as zonas espaciais do campo com maiores índices de gols, últimos passes anteriores ao gol, e passes gerados desde a origem do lance até a marcação do gol;
- comparar a participação das posições dos jogadores em cada construção de gol, assim como a quantidade de atletas participante desde a origem da jogada;
- identificar o quadrante da baliza com maior incidência de gols;
- conhecer a quantidade de passes realizados até a obtenção dos gols, assim como o tempo que a equipe ficou em posse de bola para tal;
- analisar quantos toques o finalizador necessitou dar para realizar o gol;
- relacionar a influência da marcação do primeiro gol da partida no resultado final da mesma.

1.2 JUSTIFICATIVA

Este trabalho justifica-se pela necessidade de contribuir com mais um estudo que auxilie na identificação do conjunto de fatores que compõem o cenário de acontecimento do gol em competições de alto nível. Buscando, deste modo, compreender a construção do gol, além de procurar padrões impostos pelas equipes em seus jogos e, conseqüentemente, verificar sua consistência durante a competição.

Silva (2006) comenta a importância de estudar os detalhes numa partida de futebol, assim como este tipo de estudo está relacionado à evolução do esporte. Isto

justifica, também, a busca pela estatística, e posterior análise dos dados, como um fator fundamental para o crescimento do futebol.

A análise dos gols neste estudo pode propiciar aos treinadores, auxiliares, analistas de desempenho, jornalistas e até torcedores mais uma ferramenta capaz de dar fidedignidade às discussões sobre partidas, gols e resultados obtidos pelas equipes.

Buscou-se neste trabalho seguir uma lógica de fácil assimilação por parte de qualquer setor envolvido com o futebol, sendo assim, ele estará à disposição para eventuais consultas e esclarecimentos acerca dos 936 gols do Campeonato Brasileiro de 2013 – Série A.

1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

Este trabalho tem uma estrutura organizacional que segue uma norma pré-estabelecida e com conteúdos sequenciais para uma melhor assimilação. Com isso, ele está disposto em seis etapas.

Na primeira parte, está apresentada a *introdução* do trabalho, com os seus objetivos e justificativas, que servirão de suporte e guia para o desenvolvimento do estudo.

Na sequência, está disposta a *revisão de literatura*. Sua organização inicia pela caracterização do Campeonato Brasileiro e, após, há uma explicação sobre a análise do jogo, com o detalhamento das variáveis pertinentes estudadas pelo autor.

Na terceira parte, descrevemos a *metodologia*. De forma objetiva, ela busca explicar o delineamento deste estudo. Tópicos como amostragem, definição conceitual de variáveis, coleta de dados e fiabilidade das observações são mencionados neste item.

Após este processo, estão elaborados os *resultados* e as *discussões* acerca dos dados coletados. Além de expor os valores encontrados neste estudo, há uma troca de informações a partir do diálogo realizado entre os resultados encontrados e de outros estudos advindos de autores que serviram de referência para a realização desta investigação que ora apresentamos.

A quinta etapa é composta pela *conclusão*, a qual possui caráter resumido acerca dos achados deste trabalho.

Por fim, são expostas as *referências* usadas no estudo, com *anexo* importante para o desenvolvimento do mesmo.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CAMPEONATO BRASILEIRO

O Campeonato Brasileiro foi criado em 1971 pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Antes dele, houve edições da Taça Brasil e do Torneio Roberto Gomes Pedrosa, os quais funcionavam, também, como campeonatos nacionais (PEREIRA; BANDEIRA; TONET, 2009). Porém, este estudo focaliza apenas o Campeonato Brasileiro, visto que abrange uma maior participação das equipes pelo Brasil, além de ser um campeonato de alto nível e atual.

Desde a primeira edição (1971) até a última (2013), o campeonato passou por reformulações e evoluções em número de participantes. Em 1971, eram 20 equipes, assim como está organizado o campeonato atualmente. Porém, nem sempre foi desta forma. Em 1979, por exemplo, eram 94 equipes lutando pelo título, sendo o maior número de equipes dentro de uma mesma competição no Brasil (PEREIRA; BANDEIRA; TONET, 2009).

Antigamente, o modelo do campeonato passava por mudanças a cada ano. Foi em 2003 que a atual Confederação Brasileira de Futebol (CBF, ex-CBD) ajustou a competição no sistema de pontos corridos, seguindo o exemplo do modelo europeu de futebol nacional (GUILHERME, 2004). Inicialmente, as equipes não se adaptaram, pois não havia mais mata-mata e a quantidade de jogos aumentou. Porém, o campeonato foi enxugando até ficarem 20 equipes disputando o título, vagas à Libertadores e outras competições, e buscando a permanência na Série A. Dentro deste novo modelo, apenas seis equipes conseguiram vencer o Campeonato Brasileiro de pontos corridos.

Analisando os números de todas as edições (42) já realizadas do Campeonato Brasileiro até o presente estudo, a que obteve o maior índice de gols assinalados foi a de 1978, a qual a rede balançou 1771 vezes, tendo uma média de 2,23 gols por jogo. Já em 1987, foram marcados apenas 223 gols por 16 equipes participantes, ocasionando uma média muito ruim (1,77 gol por jogo) (KLEIN, 1996).

Na primeira edição por pontos corridos (2003) foram marcados 1592 gols por 24 equipes em 552 jogos. A média foi de 2,88 gols por jogo (GUILHERME, 2004). Já a melhor média, dentre os Campeonatos Brasileiros disputados neste sistema, cabe

à competição no ano de 2005, a qual obteve um valor de 3,13 gols por jogo (CARDOSO, 2013).

Porém, dentro do universo de um campeonato de alto nível (Campeonato Brasileiro) os entendimentos da partida, dos gols e das diversas variáveis que compõem o espetáculo ficam mais enriquecidos através da análise de jogo, área de estudo que iremos tratar a seguir.

2.2 ANÁLISE DE JOGO

Conforme visto anteriormente, com esta permanente transformação do futebol ao longo dos anos, faz-se necessário estudar cada vez mais as particularidades e os detalhes de cada partida a fim de obter dados mais fidedignos e pertinentes no momento de preparação de uma equipe. Devido a este contexto, a análise de jogo surge como uma ferramenta auxiliar às comissões técnicas das equipes nos mais diversos escalões.

A busca de informações realizada através da análise das condutas e desempenhos dos jogadores em diferentes contextos, treino e jogo, é um recurso extraordinário para o entendimento dos processos evolutivos dos jogos esportivos (Garganta, 2001).

A primeira aparição de algo similar à análise de jogo foi em 1936, sendo apenas um relato de algumas ações técnicas no jogo, assim como a efetividade em momentos ofensivos e defensivos (GODIK *apud* BATISTA, 2004). Porém, foi em 1970 que a análise começou a ser feita nas ações coletivas de jogo. Com o avanço da tecnologia e das pesquisas, surgiram diversos tipos de ferramentas e, paralelo a este avanço tecnológico, metodologias foram desenvolvidas e aperfeiçoadas (CUNHA; BINOTTO; BARROS, 2001).

Este termo “análise de jogo” (GARGANTA, 1997 *apud* GARGANTA, 2001) pode ser substituído por análise de desempenho (MORAES *et al.*, 2012); análise de variáveis (BARROS *et al.*, 2002); análise tática (LEITÃO, 2004), análise notacional (GARGANTA, 2001), entre outros, mas quase todos eles referem-se à descrição quantitativa e/ou qualitativa das ações dos jogadores e das equipes durante uma partida de futebol.

Uma melhor descrição da análise de jogo abrange o processo de captação, tratamento e análise dos dados obtidos durante a observação da partida. Nesta

perspectiva, os especialistas desenvolvem seus métodos e instrumentos para a observação dos jogos reunindo as devidas informações (GARGANTA, 2001 *apud* FORGIARINI; LIBERALI; ALMEIDA, 2010).

Alguns autores, como Drubscky (2003) chamam de *scout* de jogo o mecanismo que auxilia o técnico e ajusta questões técnico-táticas durante os jogos. Para Leitão (2004), o *scout* é uma ferramenta para avaliar índices estatísticos dos jogadores e das equipes, assim como Fernandes (1994) comenta: “O *scout* mede a eficiência de cada jogador e da equipe”.

Outros autores classificam o *scout* como técnico, quando os fundamentos técnicos dos jogadores são observados (RAMOS FILHO; ALVES, 2006), enquanto outros o classificam como tático, quando os atletas geram respostas desejadas no resultado do jogo e contribuem para o planejamento dos treinamentos, avaliando cada ação importante do jogo e suas variáveis de forma eficiente (FERREIRA *et al.*, 2008).

Independentemente da forma utilizada, cada comissão técnica necessita de profissionais capacitados a desempenhar tal função, pois este processo pode colaborar com a evolução da equipe dentro de uma partida ou, até mesmo, dentro de um campeonato.

Nesta perspectiva, o gol surge como um excelente parâmetro para a análise de um jogo de futebol. Sua importância consiste em fazer sorrir ou chorar uma massa de centenas de espectadores (PEREIRA; BANDEIRA; TONET, 2009). Ele é o momento mais esperado, pois sua realização em maior número comparado ao rival, durante uma partida de futebol, leva a equipe à vitória.

O gol é mais do que a matéria-prima do futebol, a razão de tanto correr para lá e para cá durante noventa minutos. Também é mais que a razão pela qual os clubes contratam atacantes talentosos e espetaculares e pela qual os treinadores criam estratégias defensivas complexas e detalhadas. É o que torna o jogo o que ele é. É algo que é preciso lutar para conseguir, que acontece muito ocasionalmente, que esperamos durante horas para ver. (ANDERSON; SALLY, 2013, P. 73)

Porém, não basta apenas contar o número de tentos realizados e sofridos pelas equipes. É necessário detalhar o gol em categorias de análise, a fim de

conseguir dados quantitativos e qualitativos referentes às ações dos jogadores e das equipes, visto que ainda são limitados os estudos que investigam a origem e a ocorrência (assim como outras análises) dos gols (BARLETTA, 2009).

2.3 ESTUDOS CENTRADOS EM VARIÁVEIS RELACIONADAS AO CENÁRIO DE ACONTECIMENTO DO GOL

No sentido de discorrer sobre a evolução do campo investigativo relacionado ao tema principal deste trabalho, apresentaremos a seguir estudos sobre variáveis inerentes a todo o cenário representativo do acontecimento do gol no futebol. Isto se justifica, pois a partir destes relatos é possível obter um olhar mais qualificado sobre diferentes parâmetros internos e externos, que em consonância com a dinâmica funcional do jogo de futebol (processo), somam-se na busca do objetivo principal de um jogo de futebol, que é o gol (produto).

2.3.1 Mando de campo

Dentro do conjunto dos fatores que condicionam o desempenho de equipes, o local do jogo é considerado de suma importância, sobretudo em jogos coletivos, tais como o futebol, basquetebol, hóquei no gelo, entre outros (SAMPAIO; JANEIRA, 2005).

Foi neste contexto que surgiu o termo *home advantage* (“vantagem de jogar em casa”). Koppet (*apud* MATOS, 2009) elaborou uma das primeiras definições operacionais para tal, indicando que jogar em casa aumentava a probabilidade de ganhar.

Para Pollard (1986), este termo significa o número de pontos ganhos em casa expressos pela percentagem do total de todos os pontos ganhos. E isto, para Pollard (*apud* MEDEIROS FILHO; HADDAD; 2008) acaba refletindo no futebol masculino e feminino, a níveis amador e profissional e em competições regionais e internacionais.

Por isso, o mando de campo pode influenciar alguns aspectos dentro de um jogo de futebol. Uma equipe, ao jogar em casa, pode sentir-se mais segura com o apoio da sua torcida, além de conhecer perfeitamente o gramado que está sendo

utilizado, resultando em vantagem para si própria. Para confirmar algumas questões, autores investigaram esta “vantagem” nos mais diversos campeonatos pelo mundo.

Cunha (2003) observou 191 partidas em que houve um vencedor em dois dos principais campeonatos do mundo (Brasileiro e o Espanhol) nos anos de 2001 e 2002. Os jogos vencidos pelo mandante foram a maioria (68,59%), enquanto os visitantes obtiveram um percentual bem inferior de vitórias (31,41%).

Estudando o Campeonato Brasileiro de 2003, Silva (2004) detectou que 68,71% dos gols obtidos no campeonato (Série A) foram decorrentes de equipes mandantes. Já na Série B, o percentual foi quase similar (68,46%), indicando haver quase nenhuma diferença entre as divisões. Em relação à média de gols, os mandantes também obtiveram maiores valores (1,8 na Série A; 1,85 na Série B) comparados aos visitantes (1,12 na Série A; 1,17 na Série B), demonstrando que jogar em casa realmente pode fazer a diferença.

Segundo Silva, Medeiros e Silva (2010), a vantagem de jogar em casa comparada ao jogo fora de casa independe da qualidade do time. Porém, equipes melhores classificadas obtiveram mais vitórias como mandante atingindo um percentual de quase 70% de aproveitamento nos anos de 1998 a 2007 no Campeonato Brasileiro.

Para Almeida, Oliveira e Silva (2011), o fato de jogar em casa no Campeonato Brasileiro propiciou uma vantagem ao mandante em várias temporadas. Neste estudo, todos os jogos (5497 jogos) das Séries A e B nos anos de 2003 a 2009 foram analisados, e os resultados foram marcados como aproveitamento percentual de pontos. Na Série B (69%), o fator “jogar em casa” foi mais importante do que na Série A (65%). Segundo os autores, fatores como tamanho dos estádios, gramados irregulares e transtornos provocados pelas distâncias percorridas até a cidade podem ter causado essa maior vantagem de ser mandante na Série B.

Comparando a vantagem de jogar em casa no Campeonato Brasileiro com algumas das principais ligas nacionais do mundo (Alemanha, Argentina, Espanha, França, Inglaterra, Itália e Portugal), nos anos de 2002 a 2007, Silva e Moreira (2008) descobriram que ser sediante no Brasil era melhor do que ser mandante nestes outros países. O percentual brasileiro de aproveitamento foi de 64,9%, enquanto os outros apareceram entre 58,1% (Argentina) e 63,8% (França). Uma das explicações para tal fato é a questão geográfica do Brasil. Há, no país, distâncias grandes entre as cidades, o que leva a um desgaste maior durante as viagens.

Outro destaque são os campos, normalmente diferentes entre si e, muitas vezes, com o gramado irregular, facilitando apenas o time da casa, pois o mesmo já conhece seu próprio estádio. Na Europa, sobretudo, há uma maior semelhança entre as equipes nestes aspectos.

2.3.2 Tempo do gol

O jogo de futebol é composto por dois tempos de 45 minutos (mais acréscimos). Dependendo da competição, havendo empate no tempo regulamentar, há ainda mais dois tempos de 15 minutos com acréscimos na prorrogação (FIFA, 2013).

Na Copa do Mundo de 1998 (França), o período de tempo que ocorreu a maior quantidade de gols foi entre 76-90 minutos. Este achado foi o mesmo das Copas de 1994 e 1990. Detalhando um pouco mais esta análise, os autores perceberam que sete partidas estavam empatadas até os 40 minutos da segunda etapa. Foi, então, que três equipes conseguiram produzir um gol cada, mostrando o encorajamento das mesmas para que a vitória pudesse acontecer (GRANT *et al.*, 1998).

Em 2002, a seleção brasileira marcou a maioria dos gols (11) na segunda etapa na Copa do Mundo, sobretudo até os 30 minutos correspondentes à fase final do jogo. (SAES; JESUS; SOUZA, 2007).

Yiannakos e Armatas (2006) estudaram os gols da Eurocopa realizada em Portugal no ano de 2004. Eles chegaram à conclusão que o segundo tempo das partidas foi mais importante para a realização dos gols, pois 57,4% ocorreram neste período. Para os autores, isto pode ser uma consequência de mudanças táticas em virtude de buscar algum resultado, ou, então, pelo desgaste físico das equipes.

Em seu estudo sobre os gols da Copa do Mundo de 2006, Cunha (2006) relatou que 47,62% dos gols ocorreram na primeira etapa, enquanto 50,34% aconteceram no tempo final de jogo. Além disto, 2,04% dos gols foram obtidos na prorrogação, indicando que aqueles jogos acabaram empatados no tempo normal.

Separando estes mesmos gols em intervalos pequenos de cinco minutos, Cunha (2006) concluiu que a maioria dos gols (15,28%) ocorreu entre os minutos 36 e 40 da segunda etapa, mostrando ser um período bastante importante da partida. Outra curiosidade foi o percentual dos gols obtidos nos acréscimos (5,56%), quase

similar ao período entre 16 e 20 minutos do primeiro tempo (6,25%). Estes resultados do estudo mostraram que o período final de cada tempo é composto pela maioria dos gols marcados, mostrando fragilidades nas equipes, sobretudo, em aspectos físicos, segundo o autor.

No Campeonato Brasileiro de 2008, o período com mais gols foi entre 76-90 minutos de jogo. Todos os outros intervalos de tempo, com exceção de 46-60, foram diferentes significativamente do período maior, demonstrando, também, um descuido das equipes em termos defensivos ao final de cada partida, assim como uma busca pelo resultado, ou por mais gols (SOUZA; FARAH; DIAS, 2012).

Já em 2009, no mesmo campeonato, este mesmo tipo de análise identificou a mesma relação anterior. O período final (76-90) foi, novamente, o com maior ocorrência de gols (MORAES *et al.*, 2012). Além disso, Gomes *et al.* (2011) relacionaram as colocações das equipes e seus percentuais de gols em cada período do jogo. Os melhores classificados obtiveram muitos gols nos períodos finais de cada tempo. Já os rebaixados, em sua maioria, apenas nos quinze minutos finais do jogo.

Outra investigação, que indicou uma maior quantidade de gols no segundo tempo, foi a de Miguel (2012), que estudou a ação temporal dos gols na Eurocopa 2012. Dos 76 gols marcados, 42 foram na segunda etapa. Detalhando um pouco mais a análise, o intervalo de 51-60 minutos teve 11 gols, sendo o espaço de tempo com o maior percentual.

Embora muitos estudos demonstrem que os gols ocorrem em demasia na segunda etapa, Bento *et al.* (2012) relacionaram a importância de marcar um gol dentro dos primeiros quinze minutos de jogo com o resultado final da partida. Foram analisados 201 jogos do Campeonato Paulista nos anos de 2009, 2010 e 2011. O achado foi que 65,67% das equipes que marcaram o gol neste período venceram a partida. Menos de 17% das vezes, houve uma derrota por parte do time que obteve o gol no início do jogo.

2.3.3 Origem do gol

Se fizermos uma regressão a partir do acontecimento do gol, é possível identificar sua origem. Neste sentido, um gol pode se originar a partir de uma cobrança de escanteio; de um erro do adversário; de um arremesso lateral; de uma

roubada de bola com um contra-ataque fulminante, enfim, há várias maneiras possíveis de originar uma jogada que resultará em gol. Porém, alguns estudos, como os relatados abaixo, distinguem as origens dos gols em dois grandes grupos: bola parada e bola rolando (ou bola em movimento).

Para Melo *et al.* (*apud* FORGIARINI; LIBERALI; ALMEIDA, 2010), a bola parada tem sido decisiva nos jogos, possuindo movimentações, padrões e posicionamentos específicos para tal.

Por outro lado, através de táticas ofensivas, as equipes podem construir jogadas com o objetivo de finalizar na meta adversária e, conseqüentemente, obter o gol (FRISSELLI; MANTOVANI, 1999 *apud* FORGIARINI; LIBERALI; ALMEIDA, 2010).

Em Copas do Mundo, o nível técnico da maioria das seleções é altíssimo, demonstrando um repertório variado das ações de origem dos gols. Em 1998, neste mesmo tipo de competição, 108 gols foram marcados com a bola em movimento e 42 de bola parada. Os pênaltis foram analisados separadamente, correspondendo a sete gols do total. Fechando a lista, quatro gols foram contra (GRANT *et al.*, 1998).

Para Ensum, Williams e Grant (2000) a bola parada é tão importante quanto o jogo com bola rolando, pois em seu estudo da Eurocopa (2000) os percentuais de gols relacionados às origens foram similares: 53% com bola rolando e 47% com bola parada. Dentro do grupo das bolas paradas, as faltas ainda corresponderam a uma maior frequência de gols (15 gols), seguidas pelos escanteios e pênaltis (7 gols cada).

Taylor e Williams (2002) descobriram que a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2002 teve uma proporção de um gol de bola parada (6 gols) a cada dois realizados com bola rolando (12 gols). Em relação à parte defensiva, o Brasil sofreu 36 chutes a gol em bolas paradas, porém tomou apenas um gol neste tipo de lance, demonstrando uma excelente tática defensiva neste tipo de ação do jogo.

Já num âmbito mais geral da mesma competição, 161 gols foram marcados, sendo 83 com bola rolando e 78 de bola parada. Novamente os percentuais foram similares (ENSUM; TAYLOR; WILLIAMS, 2002).

Em 2004, na Eurocopa, houve uma maior divergência entre estes dois tipos. Gols com a bola em movimento foram 69%, sendo 18% vindo de cruzamentos, 11% de fora da área e 40% de dentro da área. Já os 31% de gols de bola parada estão divididos em 8% através de faltas indiretas, 4% de faltas diretas, 9% de cobranças

de pênalti e 10% após uma cobrança de escanteio (RAMOS; OLIVEIRA JÚNIOR, 2008).

No mesmo estudo acima, as quatro melhores seleções (Grécia, Portugal, R. Tcheca e Holanda, exatamente nesta ordem) tiveram diferenças nos seus valores percentuais. Tanto a equipe campeã, quanto a quarta colocada, equilibraram seus gols em 57% através da bola em movimento e 43% pela bola parada. Já Portugal e R. Tcheca pouco usaram a bola parada para originar seus gols (12% e 20%, respectivamente).

Na Copa do Mundo de 2006, os gols oriundos de cobranças de falta totalizaram 10,2% (15 gols), enquanto os de escanteio somaram 9,52% (14 gols). Estes, juntamente com os obtidos através de outras bolas paradas, representaram um percentual de 34,68%. Gols originados por rebotes da trave, da defesa e do goleiro foram a minoria (6,8%) (CUNHA, 2006).

Já no Campeonato Brasileiro do mesmo ano (2006), foram marcados 1030 gols, sendo 711 de bola rolando (69%) e 319 de bola parada (31%). Equipes como Atlético-PR, Goiás, Grêmio, Paraná, Santos e São Paulo tiveram os melhores aproveitamentos nos gols com a bola em movimento, representando praticamente 37% (263 gols) do total. Já os melhores aproveitamentos nas bolas paradas foram das equipes do São Paulo, do Internacional, do Grêmio e do Palmeiras, que juntos contribuíram com 84 gols (26,33%) (PEREIRA; BANDEIRA; TONET, 2009).

Na Copa Libertadores (2008) houve quase o triplo de gols originados em cobranças de bola parada comparada à Liga dos Campeões da Europa realizada na mesma temporada (25 gols e 10 gols, respectivamente), sendo a maioria a partir de cobranças de faltas (13 gols). Apenas nos pênaltis houve uma semelhança entre Europa e América, tendo dois e três gols, respectivamente (BARLETTA, 2009).

Segundo Forgiarini, Liberali e Almeida (2010), analisando 18 gols realizados por uma mesma equipe em um torneio estadual (RS) no ano de 2009, o percentual de gols obtidos através da bola parada (78%) foi muito superior ao demonstrado em ações com triangulação, ultrapassagens, cruzamentos e jogadas de linha de fundo (22%), mostrando a vital importância que devemos ter, sobretudo, nos escanteios e nas faltas.

Para Chávez, Ceballos e Mesa (2012), os gols de bola em movimento foram a maioria de todos marcados na Copa do Mundo de 2010 ($\pm 80\%$), na África do Sul. Em suas análises, três diferentes grupos foram formados para que cada um

visualizasse os gols e anotasse questões referentes à origem, forma, zona e outras questões envolvidas neste contexto. Apesar desta divisão, os valores foram muito semelhantes entre todos, mostrando que a análise, quando bem direcionada, é capaz de indicar dados importantes e fidedignos à realidade.

Cuenca e Cervera (2012) analisaram os gols ocorridos na Eurocopa de 2012 nas sedes-conjunta Polônia e Ucrânia. Do total, 29% teve origem em cobranças de bola parada. As seleções com maiores representatividades neste quesito, durante a primeira fase, foram a da Itália e a da Inglaterra, ambas com três gols cada. Interessante ressaltar que equipes consagradas, como França e Holanda, só fizeram gols com bola rolando, mostrando uma desigualdade em aproveitamentos nas ações de jogo durante este período da competição. A campeã Espanha realizou 12 gols, bem distribuídos em suas origens: bola parada, ataque organizado, contra-ataque, etc.

2.3.4 Zonas do campo

O campo de jogo é um gramado com formato retangular e dimensões que podem variar de um mínimo (45m x 90m) a um máximo (90m x 120m) nas linhas que contornam o espaço a ser jogado (FIFA, 2013).

Alguns autores, como os citados abaixo, dividem o espaço de jogo em zonas (ou subáreas). Este tipo de divisão facilita o entendimento das ações de jogo nas questões espaciais. Através dela, podem-se detectar determinados locais de finalização, de assistência ou, simplesmente, de passes e ações anteriores ao gol.

No estudo de Grant *et al.* (1998), as zonas dos gols foram analisadas, excluindo os realizados após cobrança de pênalti. A maioria ocorreu entre a marca penal e a pequena área (28,6%). Fora da área, os gols foram responsáveis por apenas 10,4% da totalidade, bem diferente do ocorrido em 1994 (aproximadamente 20%).

Cunha (2006) observou que 121 gols foram feitos pelos jogadores dentro da área, representando 82,3% do total obtido na Copa do Mundo de 2006. Separando esta análise em duas subáreas, 28,9% dos gols ocorreram dentro da pequena área, enquanto 71,1% deles foram dentro da grande área.

Horn, Williams e Ensum (2002), estudando jogos da Primeira Divisão Inglesa, detectaram que a maior quantidade de gols, que tinham sua assistência na

intermédia central ofensiva, aconteceu dentro da área (85,7%). Não houve nenhum gol marcado ao lado direito da área, enquanto houve 7,1% no lado oposto (esquerdo). A média de gols era de um a cada 13.3 passes originados na zona intermediária para a área, e de um a cada 16 passes com origem na mesma zona, mas direcionados ao lado esquerdo da área.

Na Copa do Mundo de 2006, analisando apenas a seleção italiana, Carvalho (2012) separou o campo de jogo em quatro espaços semelhantes e detectou a zona espacial que originava a maioria dos gols. Obviamente, o espaço mais próximo ao gol iniciou 50% dos gols, e o espaço mais próximo à meta da própria equipe não gerou o começo de nenhuma construção de gol.

Porém, numa análise mais geral da competição, Silva e Campos Júnior (2006) chegaram a valores altíssimos de gols ocorridos dentro da área (82,31%), mostrando que treinadores devem ficar atentos a ações neste espaço de jogo, visto que é um setor de muita vulnerabilidade por parte das equipes.

A origem dos gols na Copa Libertadores da América de 2008 ocorreu, em 85,18%, na zona mais próxima à meta adversária, um pouco acima do ocorrido na Liga dos Campeões da Europa 2007/2008 (82,53%). Porém, houve semelhança nas outras zonas, comprovando que quanto mais distante do gol adversário, menos gols são originados em tais zonas (BARLETTA, 2009).

Na Copa do Mundo de 2010, novamente mais de 80% dos gols ocorreram dentro da área, representando um alto índice de aproveitamento dos finalizadores quando submetidos a este espaço do campo de jogo (CHÁVEZ; CEBALLOS; MESA, 2012).

Os gols dentro da área na Eurocopa 2012 representaram 88% da totalidade. Isto mostra que pouquíssimas equipes se preocuparam em finalizar de fora da área, ou então obtiveram um baixo rendimento neste tipo de ação (CUENCA; CERVERA, 2012).

Em relação à zona de acontecimento do passe anterior à finalização que resultou em gol, Moraes *et al.* (2012) chegaram a um percentual (33,1%) muito acima dos demais na zona 11, que em seu estudo sobre os gols do Campeonato Brasileiro de 2009 representava um setor central da área penal. O chamado “último passe” foi realizado sempre próximo à meta adversária, indicando que quanto mais distante dela, menos assistências diretas para o gol são realizadas. Estes resultados

não diferem muito se analisados os setores espaciais de finalização resultante em gol. O mesmo local atingiu o maior índice percentual (76,4%).

2.3.5 Quadrante da baliza

A baliza de jogo deve ficar ao centro de cada linha de fundo. A distância entre cada poste deve ser de 7.32m e a altura deve ser de 2.44m (FIFA, 2013). Pode-se dividir o espaço da baliza em quadrantes a fim de analisar qual local é o mais visado pelos finalizadores no momento de arrematar ao gol. No entanto, ao recorrer à literatura, verificamos a carência de estudos que abordem este tema.

Nonnenmacher e Voser (2012) estudaram o local de ação dos goleiros em disputas de pênaltis internacionais desde 1994. Para isto, 193 cobranças foram analisadas. Com o batedor cobrando na marca penal, os maiores índices de gols aconteceram nos quadrantes próximos aos cantos inferiores direito e esquerdo do goleiro. Somados, representaram quase 59% das cobranças convertidas em gols.

Isto pode se justificar pelo fato de que o batedor está com uma visão total da baliza e num posicionamento central, o que facilita a sua escolha na hora de bater a penalidade máxima. Porém, durante um jogo, há maiores alternâncias em relação a estes valores, pois há mudança do ângulo de visão do finalizador, assim como do posicionamento do goleiro e das zonas de atuação dos jogadores, inclusive dos defensores.

Nesta mesma lógica, Gib (2013) buscou encontrar os espaços da baliza mais procurados pelos batedores de pênaltis nos Campeonatos Brasileiros de 2010, 2011 e 2012. Separando a goleira em seis quadrantes, chegou à conclusão que os cantos inferiores direito e esquerdo foram os mais visados e tiveram mais gols convertidos (34,49% e 31%, respectivamente). Isto pode ser devido ao pouco encorajamento dos batedores em realizar cobranças altas e centrais.

Petroli (2012) estudou os chutes realizados no Campeonato Gaúcho de juniores no ano de 2012. Em seu estudo, ele procurou saber qual quadrante da baliza era o de maior volume de gols ocorridos. Para isso, dividiu a baliza em seis zonas semelhantes em altura e comprimento. Seu resultado indicou maiores quantidades de gols no espaço inferior direito (ou esquerdo do goleiro), num total de 17 gols. Em último lugar, ficou o espaço central superior com apenas 2 gols. Os outros espaços mostraram semelhança na quantidade final de gols. Porém, se

analisarmos o percentual de gols obtidos relacionados ao total de chutes dados, os espaços superiores direito e esquerdo, além do inferior direito obtiveram melhores índices, mostrando que os finalizadores buscaram frequentemente os cantos da baliza.

2.3.6 Posição do finalizador

Um jogo de futebol é composto por duas equipes, que possuem onze jogadores cada, disputando simultaneamente a bola e tentando marcar mais gols do que o adversário. Para organizar um time, é necessário haver posições diferentes e funções que se complementem e que diferenciem determinadas ações por parte dos atletas. Normalmente, o atacante é o mais cobrado a realizar os gols, porém qualquer posição pode participar disto.

Ramos e Oliveira Júnior (2008) analisaram os gols da Eurocopa, realizada em Portugal no ano de 2004, e perceberam uma maior participação dos atacantes na realização dos gols em cinco das oito melhores equipes do torneio. As exceções foram as seleções de Portugal, da França e da Inglaterra, onde houve um percentual igual entre atacantes e meio campistas. Outro achado foi a presença de defensores na obtenção dos gols em apenas duas equipes dentre estas oito. Grécia e Holanda tiveram 14% de participação deste grupo na realização dos gols.

No mesmo estudo, tratando da Grécia, campeã da Eurocopa 2004, os percentuais foram os seguintes: atacantes (57%), meio campistas (29%) e defensores (14%), mostrando uma boa distribuição entre as posições. Já a equipe da República Tcheca, terceira colocada na competição, obteve percentuais bem distintos: atacantes (90%) e meio campistas (10%).

Segundo os mesmos autores, vale ressaltar, ainda, a participação dos gols contra, tendo um percentual, às vezes, superior em relação aos defensores, por exemplo. É o caso da seleção da França, que obteve os índices: atacantes (43%), meio campistas (43%), gols contra (14%) e defensores (0%).

Quando a análise deste trabalho foi geral, ou seja, de todas as seleções da Eurocopa, houve uma porcentagem alta de atacantes que marcaram gols, assim como de meio campistas. Seus valores foram 65% e 27%, respectivamente. Defensores ficaram com 5%, e gols contra, 3%.

Muitas vezes, apenas o finalizador leva os méritos pelo gol marcado. Em alguns momentos, o torcedor também valoriza aquele atleta que realizou o passe anterior ao gol. Porém, poucos dão a real importância a todos os jogadores que participaram das ações anteriores ao gol.

Ao desfragmentar o gol, podemos analisar, por exemplo, quantos componentes da equipe participaram efetivamente, desde a origem do lance até a marcação do gol. Além disso, há a chance de visualizar as posições envolvidas através destes mesmos atletas.

Embora haja uma carência de estudos que abordem esta particularidade, verificamos que Saes, Jesus e Souza (2007) descobriram que, na seleção brasileira na Copa do Mundo de 2002 (ano em que foi campeã), cinco a nove atletas participaram de 56% dos gols marcados, indicando haver uma grande qualidade técnica dos atletas, além de envolvimento com as ações táticas e desfechos da partida.

2.3.7 Forma de finalização

Um jogador pode usar qualquer parte do corpo, exceto as mãos e os braços, para realizar o gol (FIFA, 2013). Normalmente, são usados os pés ou a cabeça, porém há casos de gols com as coxas, peito, e até outras partes do corpo.

Números encontrados em um estudo (GRANT *et al.*, 1998) sobre a Copa do Mundo da França (1998) indicaram que mais de 78% (134 gols) dos gols ocorreram com o pé, seja direito ou esquerdo. Apenas 32 gols foram marcados com a cabeça e cinco com o tronco.

Segundo Cunha (2006), 78,23% dos gols obtidos na Copa do Mundo de 2006 foram através de chutes, seja com a perna direita ou esquerda, representando um índice muito maior comparado aos de cabeça (18,37%) e aos gols contra (3,4%), que foram analisados separadamente. Dando sequência à análise anterior dos chutes (115 gols), houve a separação dos mesmos em dois grupos: 85 gols (73,9%) foram marcados através do pé direito dos finalizadores, e apenas 30 (26,1%) do pé esquerdo.

Barletta (2009) estudou 63 jogos, sendo 32 da Copa Libertadores 2008 e 31 da Liga dos Campeões da Europa 2007/2008. Na América, mais gols foram

marcados, seja de cabeça ou com as pernas, comparada à Europa. Porém, no continente europeu houve um maior percentual de gols contra.

Segundo Cuenca e Cervera (2012), a forma mais comum de finalização resultante em gol na Eurocopa 2012 foi a com os pés, originando 54 gols (71%). De cabeça foram outros 22 (29%) gols.

2.3.8 Quantidade de toques do finalizador

Para a realização do gol, algum jogador necessita dar um toque na bola para que ela cruze a linha da baliza e seja validado. Porém, nem sempre o finalizador dá apenas um toque na bola. O gol pode ser após uma jogada individual, a qual o jogador toca na bola mais de uma vez, ou através de um chute, após um cruzamento, dando apenas um toque nela, por exemplo.

Grant *et al.* (1998) verificaram quantos toques na bola o finalizador necessitou dar para marcar um gol na Copa do Mundo da França. De 42 gols oriundos de bola parada, 36 foram marcados com apenas um toque do jogador que finalizou. Este valor representa mais de 85% dos gols originados desta forma. Tratando-se de gols construídos via ações com bola rolando, o maior percentual seguiu sendo o de um toque na bola (45 gols de 108, representando mais de 41%).

Neste mesmo estudo, observaram que enquanto aumentava o número de toques do finalizador, diminuía o número de gols obtidos, seja de bola parada ou de bola rolando. Como exemplo, pode-se ver que o percentual de gols obtidos com quatro ou mais toques na bola representou apenas 11% do total. A diferença é enorme, visto que 131 gols demonstraram a objetividade dos finalizadores, que deram apenas um, dois ou três toques antes de marcar o gol.

Por fim, Grant *et al.* (1998) compararam seus estudos com outros anteriores. Suas conclusões após estas comparações foram as mesmas citadas acima: quanto mais objetivo o finalizador puder ser, melhor.

2.3.9 Quantidade de passes

O passe é a ação de enviar a bola a um companheiro ou determinado setor do espaço de jogo (FERREIRA, 1994 *apud* CUNHA, 2003). É uma habilidade muito

importante no futebol quando realizada com sucesso (HARGREAVES *apud* CUNHA, 2003).

O passe também pode ser chamado de toque de bola, segundo determina Asin (*apud* CUNHA, 2003). Portanto, assim como afirma Zappa (1947), o passe é a ação mais comum do jogo e possui uma importância vital para o bom andamento da partida.

Ferreira (1994) caracteriza o passe como um elemento de ligação entre os componentes de uma equipe, além de afirmar que existem várias formas de execução desta ação técnica. Para a construção da maioria dos gols, é importante que haja uma qualidade na troca de passes.

Hughes e Frank (2005), ao analisarem 116 partidas de Copas do Mundo FIFA (1990 e 1994), chegaram a resultados que indicavam um maior percentual de sequência menor ou igual a quatro passes na construção de cada gol. Em 1990, 84% correspondiam a tal, enquanto em 1994 foi de 80%. Apesar de haver mudança na quantidade de equipes, e conseqüentemente de jogos, entre as duas competições, seqüências longas de passes não foram muito observadas, obtendo um percentual muito baixo comparado aos demais.

Posteriormente, Grant *et al.* (1998) estudaram os gols dos jogos da Copa do Mundo na França em 1998. Nesta competição, 171 gols foram marcados em 64 partidas, sendo 108 gols oriundos de bola em jogo, ou bola rolando. Analisando apenas estes gols, chegaram ao percentual de 74% de gols marcados com quatro passes ou menos. Isto indica, novamente, que menos gols são marcados com seqüências longas de passes.

Low, Taylor e Williams (2002) também estudaram a Copa do Mundo que, excepcionalmente, foi realizada em dois países, Coréia do Sul e Japão. Neste estudo, os autores verificaram que equipes mais bem classificadas conseguiram realizar mais passes anteriores à realização do gol comparadas às equipes que foram eliminadas anteriormente na competição. Porém, os maiores percentuais de ambos os grupos analisados continuaram sendo os de poucos passes, sobretudo dois ou três passes até a obtenção do gol.

Dois destes mesmos autores citados acima, Taylor e Williams, realizaram outro estudo em 2002 analisando apenas a seleção brasileira e seus gols marcados na Copa do Mundo do mesmo ano. O Brasil realizou doze gols com a bola rolando, sendo quatro deles (cerca de 33%) obtidos com três passes. Outro dado curioso é

que em segundo lugar na frequência dos gols marcados estavam os obtidos com apenas um passe, e os obtidos com oito ou mais passes, mostrando uma diferença grande entre os mesmos. Os gols sofridos pela seleção também foram observados. Novamente, três ou quatro passes foram a totalidade (100%), indicando uma similaridade na obtenção destes tentos.

Horn, Williams e Ensum (2002), analisando jogos da Primeira Divisão Inglesa (*Premier League*), também mostraram que houve um número pequeno de passes até a obtenção dos gols. A peculiaridade é que eles apenas observaram a zona espacial do campo referente à intermediária ofensiva. Gols construídos com apenas um passe nesta zona foram a maioria, com 58,3% de frequência. Gols obtidos com até quatro passes, também nesta zona, foram a totalidade deste estudo (100%), mostrando não haver maiores trocas de passes na intermediária ofensiva até a marcação do gol.

2.3.10 Tempo da jogada

Poucos estudos analisaram o tempo de posse de bola que uma equipe permanece até a obtenção do gol. Se fizermos uma análise a partir da origem do lance, incluindo toda a sequência até a bola ultrapassar a linha da baliza, podemos chegar a resultados interessantes.

Para Grant *et al.* (1998), o tempo de posse de bola até o gol foi dividido em períodos de cinco segundos. O maior percentual encontra-se na faixa de 6-10, seguido por 11-15, 16-20 e 1-5 segundos.

Taylor e Williams (2002) foram outros autores que estudaram esta variável temporal. Neste estudo eles analisaram a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2002. O tempo percorrido anteriormente à ação do gol foi dividido, também, em intervalos de cinco segundos. A maior frequência dos gols brasileiros ocorreu nos intervalos de 6-10 e 11-15 segundos de posse de bola (25% cada).

Ambos os estudos acima verificaram que tempos longos com o domínio da bola, ocasionando gols, foram a minoria, demonstrando que quanto mais rápido for a ação, mais gols podem acontecer, sobretudo em Copa do Mundo.

3 METODOLOGIA

3.1 AMOSTRA

Para satisfazer a intenção de conhecer o perfil dos gols no futebol de elevado rendimento, fez-se necessário escolher uma amostragem compatível com este objetivo. Somando-se a isto, buscou-se analisar jogos que representassem o atual momento evolutivo desta modalidade. Deste modo, a amostra do estudo foi composta pela totalidade dos gols (936) pertencentes ao Campeonato Brasileiro 2013 (Série A), competição mais importante no âmbito nacional.

3.2 DEFINIÇÕES CONCENTUAIS DAS VARIÁVEIS ANALISADAS

O processo de escolha das variáveis teve origem a partir da definição dos objetivos do estudo. Aliado a este aspecto, parece ser consenso que a tendência atual para a coleta de informações, no âmbito das modalidades coletivas, baseia-se na conjectura que o jogo fundamenta-se na perspectiva de um sistema. E deste modo, sua dinâmica funcional resulta da interação de processos inibidores/facilitadores que se modificam ao longo do tempo: indivíduo, meio e tarefa (ARAÚJO, 2006). Neste sentido, no presente estudo foi observado o seguinte conjunto de variáveis relacionadas à dinâmica funcional do jogo: de rendimento, situacional, espacial, temporal, da tarefa e do jogador.

3.2.1 Variáveis de rendimento

Nível das equipes: é o emparelhamento das equipes conforme suas posições ao final da competição. Esta divisão está disposta em: grupo 1 (os 4 primeiros colocados, ou então, os classificados para a Copa Libertadores); grupo 2 (do 5º ao 10º colocado – intermediário 1); grupo 3 (do 11º ao 16º colocado – intermediário 2); e grupo 4 (os 4 últimos colocados, ou então, os rebaixados à segunda divisão).

Ordem do gol: esta variável indica quantos gols uma mesma equipe realizou dentro de uma partida específica, partindo de 1, referindo-se ao primeiro gol

marcado, até quantos gols forem necessários para o complemento do resultado final do jogo.

Marcar primeiro x resultado da partida: é a relação entre a equipe que marcou o primeiro gol do jogo e o resultado final da partida. Ela pode ser 1 (marcou primeiro e venceu); 2 (marcou primeiro e empatou); ou 3 (marcou primeiro e perdeu).

3.2.2 Variável situacional

Mando de campo: indica se a equipe marcadora do gol está jogando em casa (1 – mandante/sediante); ou se está jogando fora de casa (2 – visitante).

3.2.3 Variáveis espaciais

Para a coleta de dados inerentes às variáveis de *zona de passes*, *zona do último passe anterior ao gol* e *zona de finalização*, elaborou-se um campograma adaptado do proposto por Batista (2004), conforme figura 1.

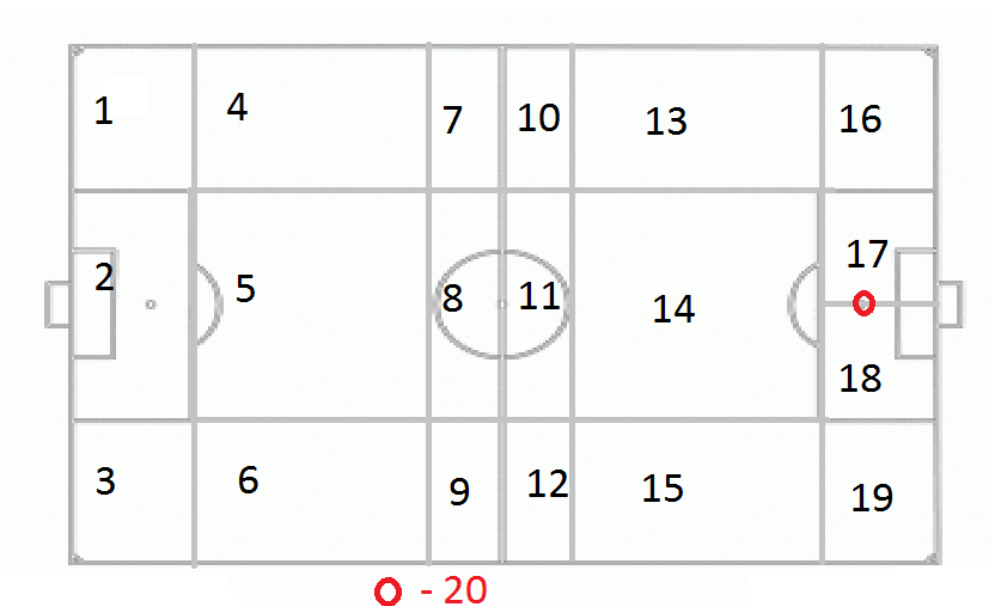


Figura 1 - Campograma. Fonte: Adaptado de BATISTA (2004)

Zona de passes: indica a(s) zona(s) onde a bola transitou desde a origem até o momento da finalização que resultou o gol. Para tal, foi separado em: 0 (zona não utilizada); 1 (zona foi utilizada uma vez); e 2 (zona foi utilizada mais de uma vez).

Zona do último passe anterior ao gol: esta variável indica o local de realização do último passe anterior ao gol.

Zona de finalização: representa o local do campo em que houve a finalização resultante em gol, sendo incluído no campograma utilizado, um local específico (zona 20) para a indicação da ocorrência dos gols de pênalti.

Quadrante da baliza: indica o quadrante espacial em que o gol foi marcado. Independentemente de haver algum desvio ou a bola ir direto ao gol, foi analisado o local onde a bola ultrapassou a linha de gol. Seguiu-se o modelo da figura 2.

Os quadrantes estão classificados como:

- 1- Espaço superior esquerdo com 1,22m de altura e 2,44m de comprimento;
- 2- Espaço superior central com 1,22m de altura e 2,44m de comprimento;
- 3- Espaço superior direito com 1,22m de altura e 2,44m de comprimento;
- 4- Espaço inferior esquerdo com 1,22m de altura e 2,44m de comprimento;
- 5- Espaço inferior central com 1,22m de altura e 2,44m de comprimento;
- 6- Espaço inferior direito com 1,22m de altura e 2,44m de comprimento.

| | | |
|----------|----------|----------|
| 1 | 2 | 3 |
| 4 | 5 | 6 |

Figura 2 - Quadrantes da baliza. Fonte: GIB (2013)

3.2.4 Variáveis temporais

Tempo do gol: separa o gol em intervalos de tempo, observando seis subdivisões: 1 (início do jogo até 15 minutos do primeiro tempo); 2 (dos 16 aos 30 minutos do primeiro tempo); 3 (dos 31 minutos até o final do primeiro tempo); 4 (início do segundo tempo até 15 minutos do segundo tempo); 5 (dos 16 aos 30 minutos do segundo tempo); 6 (dos 31 minutos até o final do jogo).

Tempo da jogada: indica o tempo ocorrido desde a origem até a marcação do gol. Os tempos foram separados em subgrupos: 1 (0 a 5 segundos); 2 (6 a 11 segundos); 3 (12 a 17 segundos); 4 (18 a 23 segundos); 5 (24 a 29 segundos); e 6 (30 segundos ou mais).

3.2.5 Variáveis da tarefa

Forma da finalização: indica a forma que o finalizador usou para realizar o gol, sendo pé direito (1); pé esquerdo (2); cabeça (3); ou outros – coxa, peito, gol contra, etc (4).

Origem do gol: é o momento em que a equipe marcadora do gol recupera a bola indicando uma ação que tenha originado este acontecimento, podendo ser: tiro de meta (1); reposição ou rebote do próprio goleiro (2); saída de bola (3); erro do adversário (4); roubada de bola (5); lateral (6); falta (7); pênalti (8); escanteio (9); rebote do goleiro ou da trave adversária (10); ou *fair play* (11).

Quantidade de passes: indica a quantidade de passes realizados desde a origem até a marcação do gol. Para facilitação do estudo, as quantidades foram separadas em grupos: 1 (0 a 3 passes); 2 (4 a 7 passes); 3 (8 a 11 passes); 4 (12 a 15 passes); e 5 (16 ou mais passes).

Quantidade de toques do finalizador: representa o número de toques que o finalizador deu em sua ação para realizar o gol, podendo ser: 1 toque (1); 2 toques (2); 3 toques (3); 4 toques (4); ou 5 (ou mais) toques (5).

3.2.6 Variáveis do jogador

Quantidade de jogadores: indica quantos jogadores diferentes participaram na construção do gol, desde a origem até a realização do mesmo. É um índice crescente, partindo de zero (0) até 11 jogadores.

Posições envolvidas: adverte sobre a quantidade de vezes que uma determinada posição (goleiro, lateral, zagueiro, meio-campo ou atacante) participou da construção do gol, desde a sua origem. Ela pode ter sido zero (não participou); 1 (participou uma vez apenas); ou 2 (participou mais de uma vez).

Posição do finalizador: indica a posição do jogador que marcou o gol no jogo em questão. Ela pode ser goleiro (1); lateral (2); zagueiro (3); meio-campo (4); atacante (5); ou gol contra (6).

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

A planilha para coleta de dados (anexo A) foi elaborada pelo autor e utilizada para registrar as 17 variáveis pré-estabelecidas. O registro na planilha de dados foi realizado concomitante à visualização dos jogos.

3.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Cerca de 85% dos jogos foram obtidos através de *download* dos sites *YouTube* (www.youtube.com.br) e *Globo* (www.globo.com), com uma licença autorizada para a área de assinantes. Para completar a totalidade da amostragem, foram adquiridos alguns jogos de um colecionador, além de um integrante da comissão técnica do Clube de Regatas do Flamengo (RJ) gentilmente disponibilizar os vídeos das partidas restantes.

Este estudo teve a participação de dois avaliadores com experiência em observação e análise de jogo. Houve um período de experiência prévia à realização das análises, a fim de testar a possibilidade de inclusão de variáveis pré-estabelecidas. Todos os jogos foram analisados através de um *notebook* ou *tablet*, e

as informações eram incluídas na tabela (anexo A), para posterior inclusão no *software* de análise.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

Tendo como objetivo descrever o perfil do fenômeno observado, recorreremos à estatística descritiva unidimensional das variáveis, representada pelas frequências absolutas e percentuais relativos para cada uma das categorias que comportam cada variável de estudo. O *software* utilizado para a obtenção dos valores apresentados neste estudo exploratório foi o SPSS v.20.

3.6 FIABILIDADE DAS OBSERVAÇÕES

Com a finalidade de testar a confiabilidade das observações realizadas no presente estudo, verificou-se a percentagem de acordos intraobservador e interobservador apenas para as seguintes variáveis observadas: *origem; forma; zona da finalização; zona do último passe anterior ao gol; zonas de passes; quadrante da baliza; quantidade de passes; quantidade de toques do finalizador; tempo da jogada; quantidade de jogadores; e posições envolvidas*. A opção em privilegiar estas variáveis é justificada em razão dos outros eventos observados não demandarem questões interpretativas.

Para isto, aplicou-se o índice *Kappa* de *Cohen*, pois este concebe uma medida de concordância ou de semelhança entre categorias homólogas das variáveis. Os graus de concordância verificados no teste apresentam as seguintes interpretações (PESTANA; GAGEIRO, 2005): para valores maiores ou iguais a 0,75, existe uma excelente posição de concordância; para valores entre 0,40 e 0,75, existe uma concordância de suficiente a boa; para valores menores que 0,40, existe uma fraca concordância.

Neste estudo, os índices encontrados após emprego deste procedimento, relativamente às variáveis selecionadas, mostraram excelentes valores de concordância (a partir de 0,90 para interobservador e de 0,83 para intraobservador).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 ANÁLISE DESCRITIVA

4.1.1 Números gerais do Campeonato Brasileiro 2013 (Série A)

O Campeonato Brasileiro de 2013 (Série A) teve um total de 936 gols marcados em 38 rodadas. A média obtida nesta competição foi de 2,46 gols por jogo. Conforme a figura 3, as rodadas 24 e 31 tiveram 32 gols marcados cada, representando as duas rodadas com mais gols marcados. Por outro lado, apenas 14 gols foram assinalados na rodada 23, indicando o menor índice da competição.

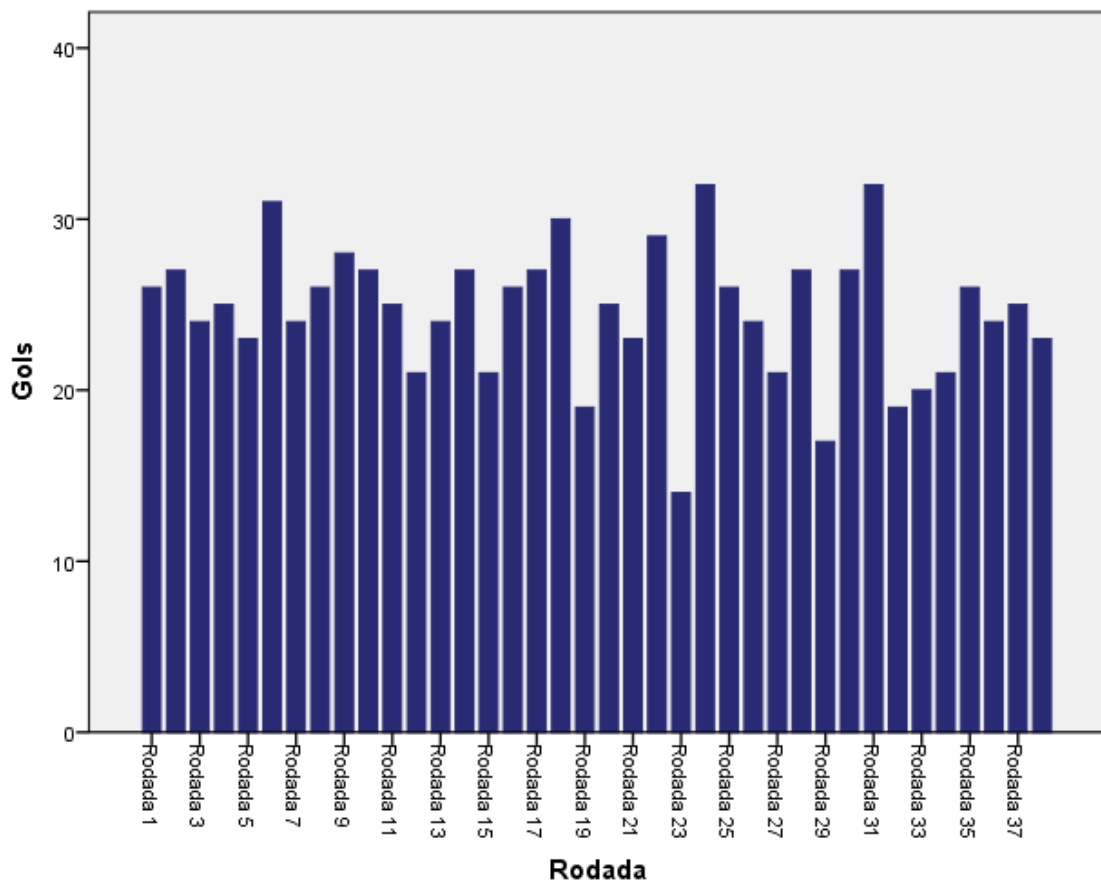


Figura 3 - Número de gols por rodada

4.1.2 Número de gols pró e contra por níveis de classificação

Analisando as equipes por níveis, o grupo 1, composto por equipes classificadas à Copa Libertadores, obteve um percentual superior a 25% dos gols marcados no campeonato. Em contrapartida, o grupo 4 (rebaixados à segunda divisão) marcou apenas 159 gols, resultando em praticamente 17% do total. Porém, o maior percentual esteve no grupo 2 (5º ao 10º colocado) com mais de 29%. Este resultado pode ter tido a influência da colocação de 6 equipes dentro deste grupo, diferentemente do grupo 1, por exemplo, que possui apenas 4 times agrupados. Estes índices podem ser mostrados na figura 4.

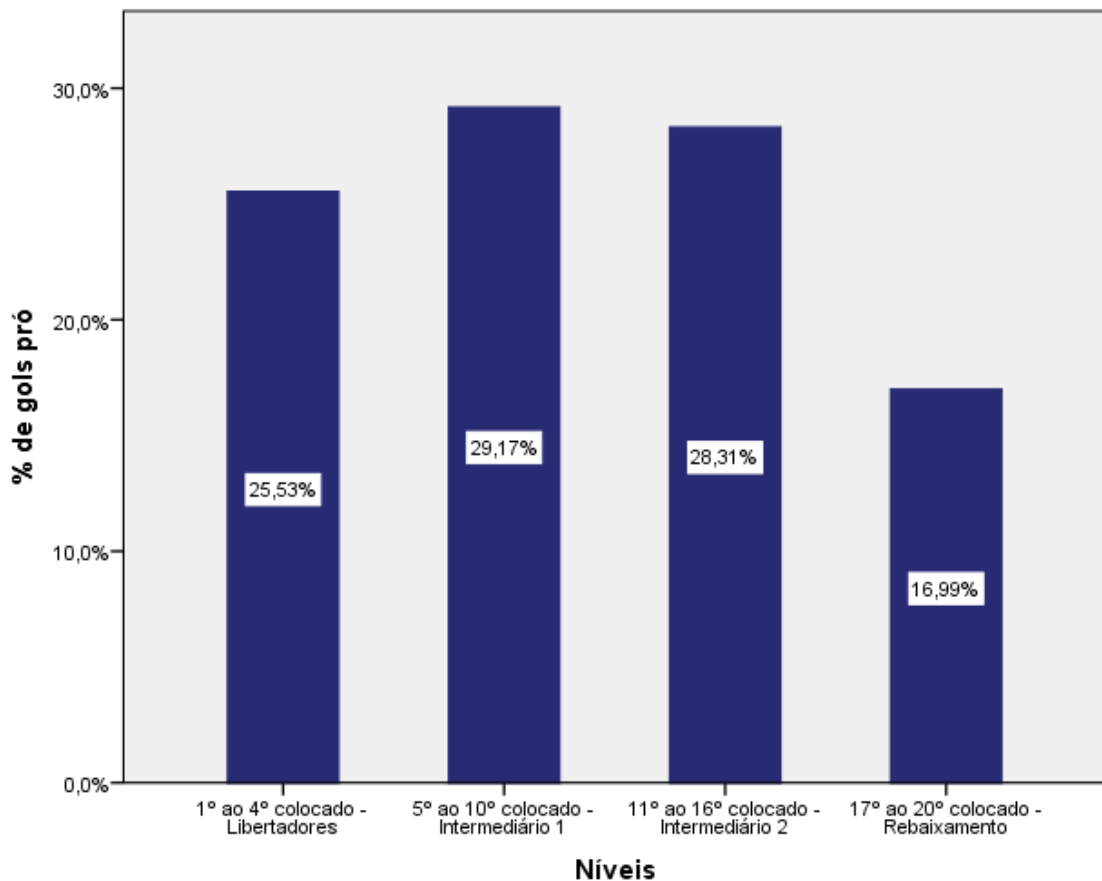


Figura 4 - Gols pró por níveis de classificação

Por outro lado, analisando os gols sofridos pelas equipes dentro dos mesmos grupos, os índices foram diferentes, obviamente, dos anteriores (gols pró). As equipes rebaixadas (grupo 4) representaram um percentual de 25,75 do total. Já as melhores classificadas (grupo 1) sofreram apenas 162 gols (17,31%). O pior

percentual foi do grupo 3 (31,8%) (conforme figura 5). A explicação pode ser devido à qualidade técnica dos times, visto que estas equipes acabaram o campeonato na metade inferior da tabela, além de ser um grupo de análise composto por 6 clubes.

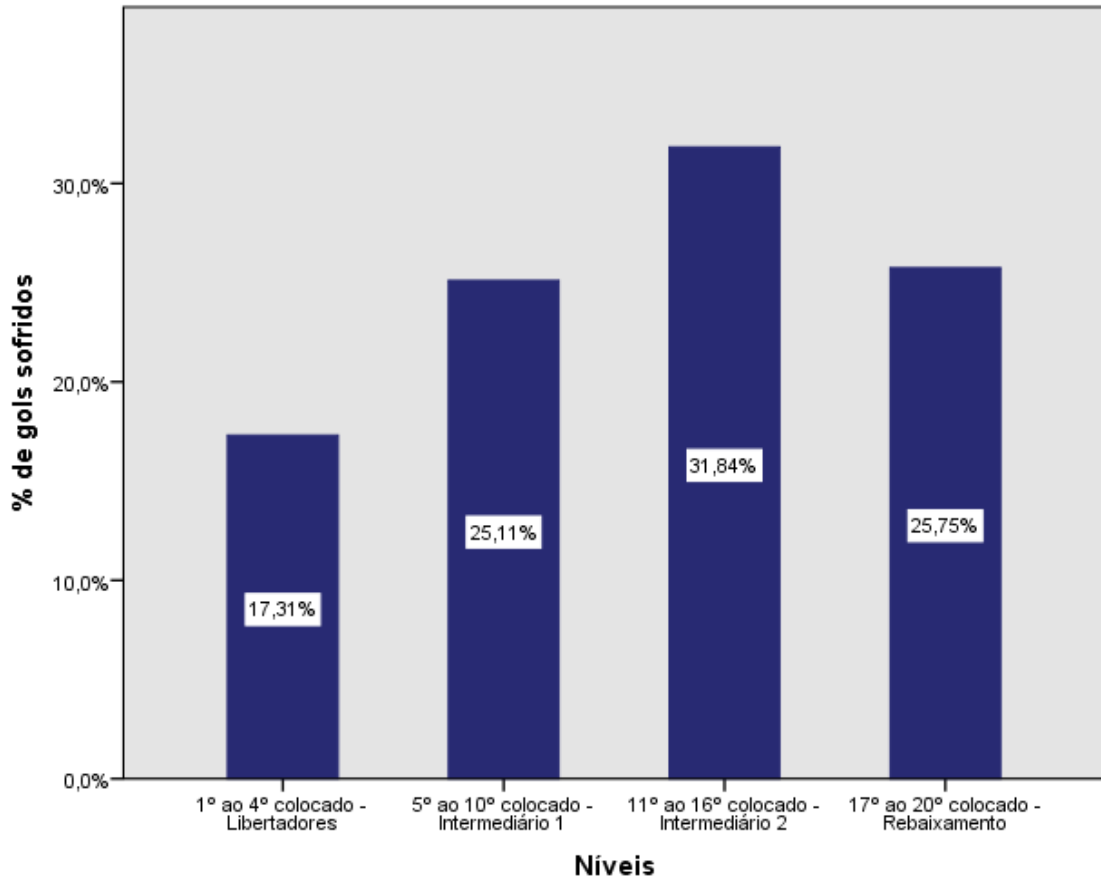


Figura 5 - Gols sofridos por níveis de classificação

4.1.3 Ordem do gol

Com relação à ordem do gol, pode-se perceber (figura 6) que poucos jogos tiveram três ou mais gols marcados por uma mesma equipe. Isto pode indicar um equilíbrio técnico entre as equipes, resultando a ocorrência mínima de escores elevados no campeonato. O maior escore obtido nesta competição foi de 6x1. Em apenas 29 vezes houve uma equipe marcando, no mínimo, quatro gols, assim como em 12 vezes houve a marcação do quinto gol pelas equipes.

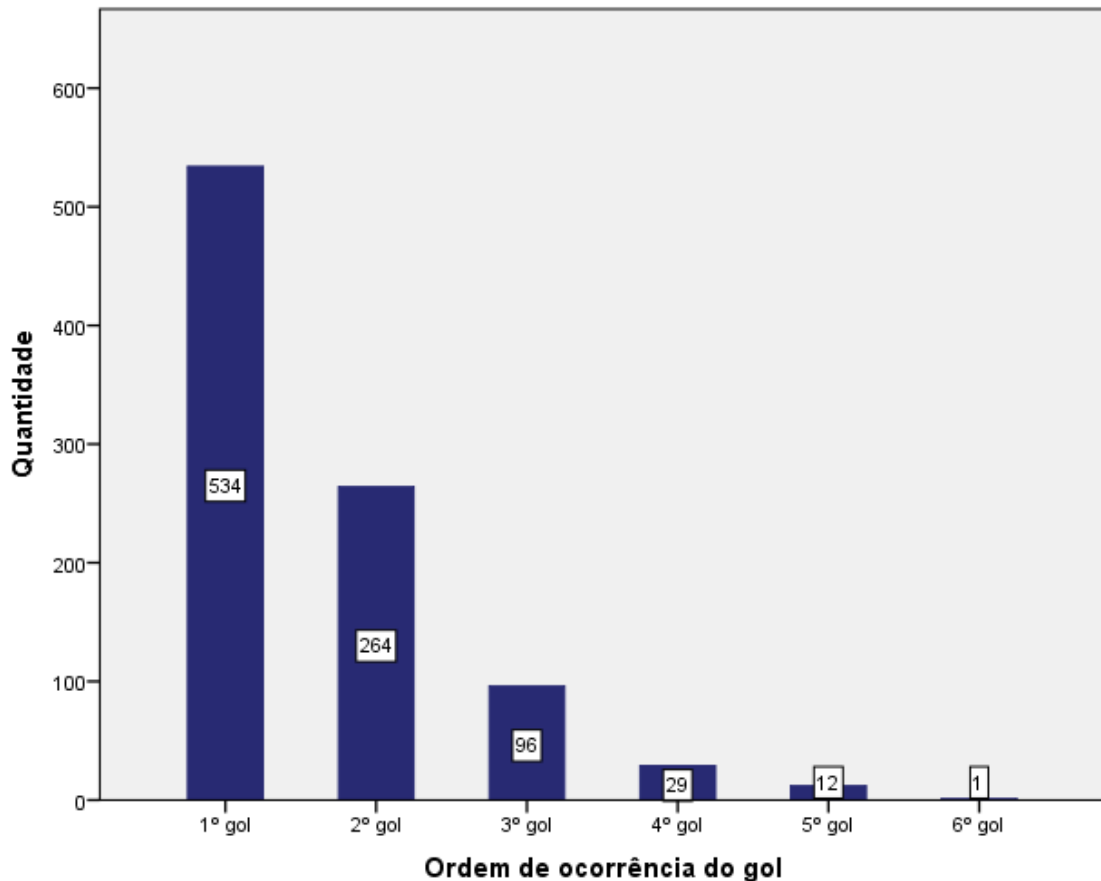


Figura 6 - Quantidade de ordem de ocorrência dos gols

4.1.4 Mando de campo

Conforme a figura 7, 558 gols foram marcados pelos mandantes, enquanto 378 foram assinalados pelos visitantes. Estes números indicam uma diferença de praticamente 20% entre os resultados.

Este resultado pode sugerir uma maior facilidade em obter gols jogando em casa. Isto pode ser devido a um comportamento mais ofensivo das equipes mandantes, ou então a uma proposta defensiva do visitante, visto que, nos jogos, a tendência é da equipe sediante ter uma maior iniciativa de jogo. Segundo Silva e Moreira (2008), há outros fatores que também podem contribuir para um melhor aproveitamento jogando em casa: comportamento da torcida, ajudando a equipe mandante e pressionando árbitros e adversários; diferenças dos campos de jogo, que criam incertezas aos adversários e uma melhor adaptação da equipe local; além

de condições climáticas e distâncias percorridas em viagens, sobretudo em países continentais, como o Brasil.

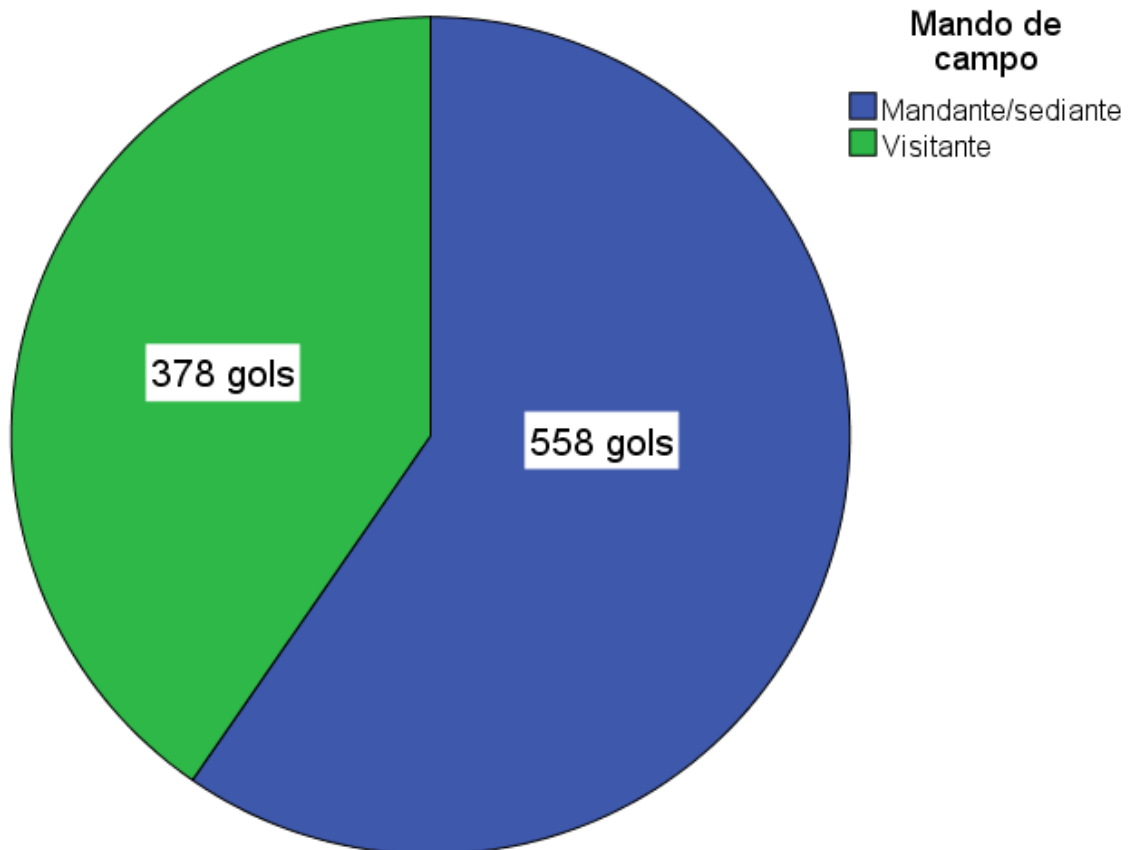


Figura 7 - Quantidade de gols marcados pelos mandantes e visitantes

Estas sugestões têm como complemento questões que vão além da marcação do gol. Cunha (2003), Silva (2004), Almeida, Oliveira e Silva (2011) também concluíram que uma equipe era favorecida jogando em casa, pois seus estudos indicaram que os mandantes venceram mais que os visitantes, tanto no Campeonato Brasileiro quanto em outros torneios internacionais de alta representatividade no cenário futebolístico (Campeonato Argentino, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano, entre outros).

4.1.5 Tempo do gol

Os gols, neste campeonato, foram marcados, sobretudo, no período final das partidas (após 31 minutos de jogo da segunda etapa). Eles representaram 21% (197

gols) do total. Do mesmo modo, o outro período final da primeira etapa (após os 31 minutos do primeiro tempo) apresentou o segundo maior índice: 156 gols (16,7%). O espaço de tempo compreendido do início até os 15 minutos do primeiro tempo foi o com menor incidência de gols (apenas 135 gols - 14,4%). Além disso, o somatório dos gols ocorridos na segunda etapa (490 gols – 52,3%) foi superior ao da primeira (446 gols – 47,7%). Estes índices podem ser verificados na figura 8.

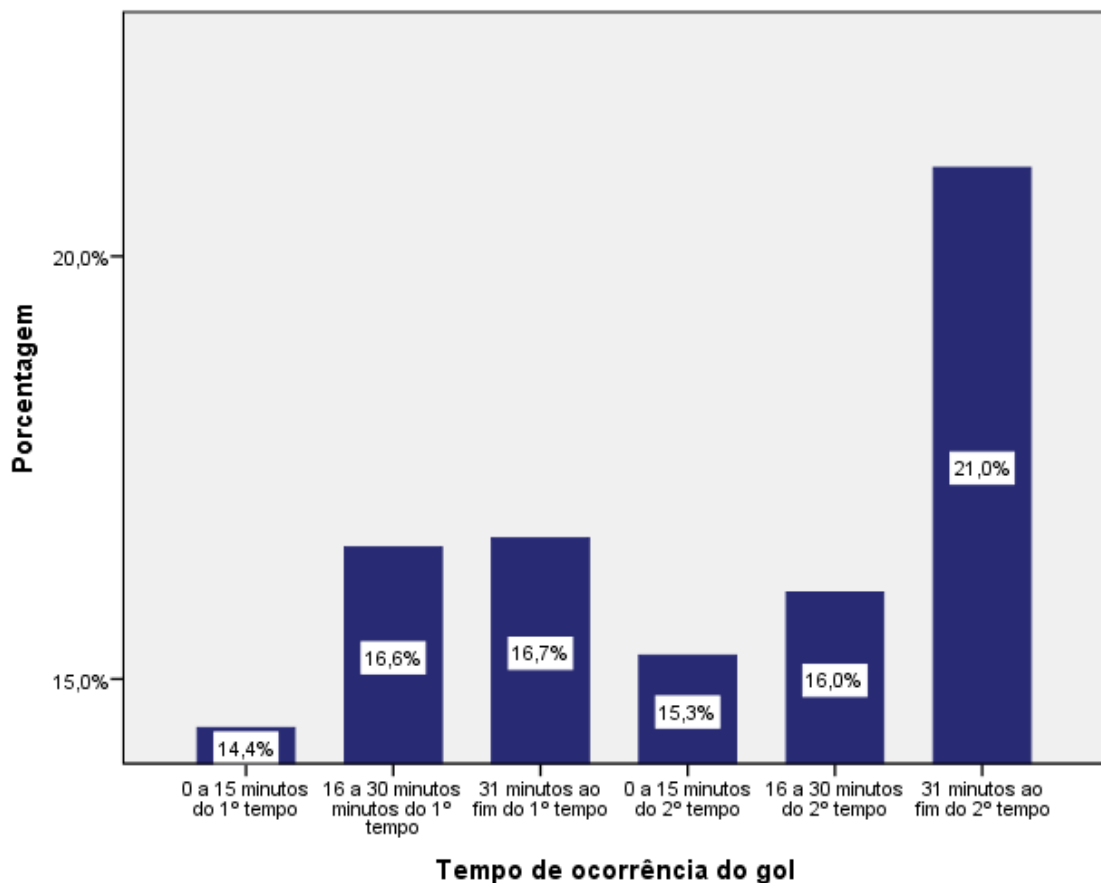


Figura 8 - Índice de gols nos tempos de jogo

Estes resultados confirmam a tendência do futebol em concentrar a maior quantidade de gols no final das partidas. Nesta linha, pode-se citar Moraes *et al.* (2012), que analisaram o Brasileirão de 2009 da Série A e encontraram dados semelhantes quanto à realização dos gols nos quinze minutos finais do jogo, ocasionando um percentual muito acima dos demais.

Silva e Campos Júnior (2006) também detectaram o período final com o maior índice de gols, porém, o com a menor ocorrência foi o espaço de tempo de 16 a 30 minutos da segunda etapa, contrariando o achado no estudo ora apresentado.

Corroborando com este contexto, Souza, Farah e Dias (2012) também encontraram valores superiores de gols ocorridos no final das partidas. O único período que não diferiu significativamente foi o compreendido entre os quinze primeiros minutos do segundo tempo. Todos os outros momentos tiveram índices abaixo do principal.

Outros estudos sobre esta mesma variável também confirmaram que o segundo tempo é o período de jogo com a maior quantidade de gols (GOMES *et al.*, 2011; YIANNAKOS; ARMATAS, 2004).

Apesar dos estudos indicarem que o momento de ocorrência do gol é o final do período de jogo, existe ainda uma carência de argumentos que justifiquem este comportamento.

Moraes *et al.* (2012) parecem não acreditar que a demanda física seja a única justificativa para uma maior ocorrência de gols no final de cada partida. Assim como eles, sugere-se que este fato seja uma relação de variáveis que proporcionam situações diversificadas dentro do jogo, tais como: interações equipe/adversário, ataque/defesa, funções dos atletas, nível do adversário, condições climáticas, condições psicológicas dos atletas, entre outros.

Em relação ao período inicial da partida (0 a 15 minutos de jogo), uma explicação para a pouca ocorrência de gols pode ser o fato das equipes iniciarem a partida se estudando, conhecendo a forma e a postura do adversário e não acelerando para que não sejam surpreendidas e acabem tomando o primeiro gol.

Complementando a ideia acima, Bento *et al.* (2012) acreditam que um gol marcado neste período é de fundamental importância para o resultado final da partida, indicando que na maioria das vezes, a equipe marcadora acaba vencendo a partida.

4.1.6 Origem do gol

A figura 9 mostra que muitos gols ocorreram após algum erro do adversário (190 gols – 20,3%) ou pela roubada de bola (158 gols – 16,9%). Além disto, os gols originados de faltas também demonstraram valores elevados (184 gols – 19,7%) comparados aos outros.

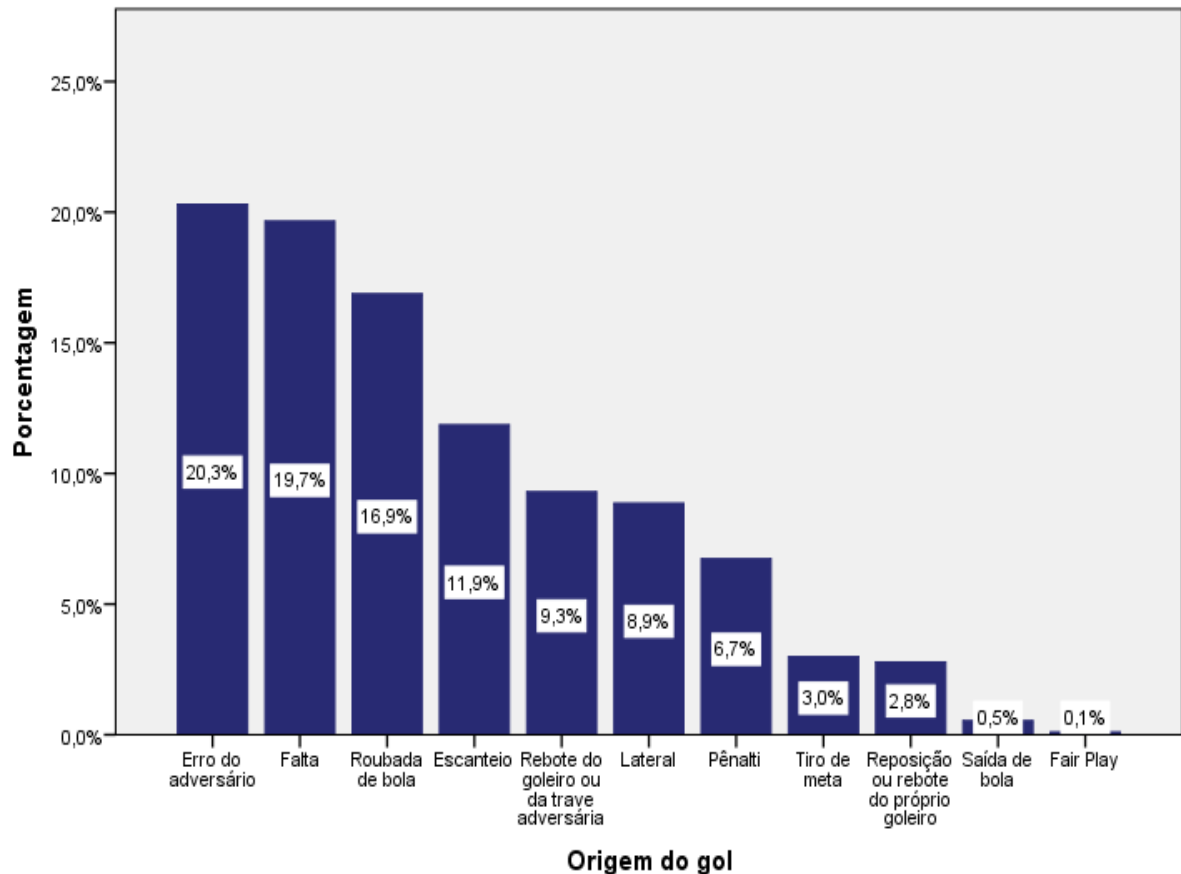


Figura 9 - Percentual de gols de acordo com suas origens

Alguns autores (RAMOS; OLIVEIRA JÚNIOR, 2008; TAYLOR; WILLIAMS, 2002; PEREIRA; BANDEIRA; TONET, 2009) dividem a origem dos gols em “bola rolando” e “bola parada”. Porém, pode-se detalhar este tipo de análise em outras categorias. Com isso, o entendimento pode ser maior e sugestões podem ser dadas.

Yiannakos e Armatas (2004), por exemplo, analisaram as origens dos gols da Eurocopa (2004). O percentual de gols oriundos de bolas paradas foi de 35,6%, sendo o escanteio o maior responsável por este índice.

Barletta (2009), analisando a Liga dos Campeões da Europa (2007/2008) e a Copa Libertadores (2008), encontrou um percentual de quase 25% de gols originados em cobranças de bola parada, sendo as faltas os melhores momentos para a realização do gol neste estudo.

Pereira, Bandeira e Tonet (2009) também encontraram valores próximos a 30% referente à bola parada. Além disso, eles chegaram à conclusão que as equipes melhores classificadas na competição analisada foram as que melhor

aproveitaram esta situação de jogo, dando uma importância vital a este tipo de jogada.

Já Forgiarini, Liberali e Almeida (2010), analisando alguns jogos do Campeonato Gaúcho de juvenis (2009), encontraram valores muito maiores com relação ao aproveitamento das bolas paradas. Foram quase 80% de gols originados desta forma.

Neste estudo dos gols do Campeonato Brasileiro (2013), se forem consideradas as situações de tiro de meta, saída de bola, lateral, falta, pênalti e escanteio como bolas paradas, o percentual de gols originados de uma bola parada ultrapassa 50% das situações.

Isto sugere a importância de incluir nos treinamentos situações de bola parada, pois elas parecem ter repercussão, tanto ofensivamente quanto defensivamente. Além disso, parece ser uma tendência ter repertórios variados nestas situações, para que o adversário seja surpreendido sempre (CUENCA; CERVERA, 2012).

Outro dado curioso é a presença dos gols originados através do rebote. Isto pode indicar a atenção de jogadores para buscar uma possível rebatida do goleiro ou da trave e finalizar, muitas vezes, para o gol vazio.

Os gols originados através de erros do adversário são a maioria neste estudo do Campeonato Brasileiro (2013). Sugere-se que tenha havido uma qualidade técnica inferior dos atletas, que não conseguiram desenvolver jogadas e muitas vezes acabaram entregando a bola ao adversário.

O exposto acima aliado aos gols com origem em roubada de bola pode indicar um jogo maior de transição. Ou seja, um jogo onde a velocidade pode determinar o êxito de uma equipe ao recuperar a bola, seja roubando ou ganhando-a, e sair em contra-ataque para realizar o gol.

4.1.7 Zonas do campo

A figura 10 mostra as zonas e seus respectivos índices de finalização resultante em gol. Pode-se perceber que dentro da área (zonas 17,18 e 20) houve mais de 85%, sendo 6,73% gols de pênaltis (zona 20). Nas regiões externas à área, o maior percentual está localizado na zona 14 (13,68%), espaço central que

possibilitou gols de chutes de média e longa distância, tanto com bola rolando quanto com bola parada.

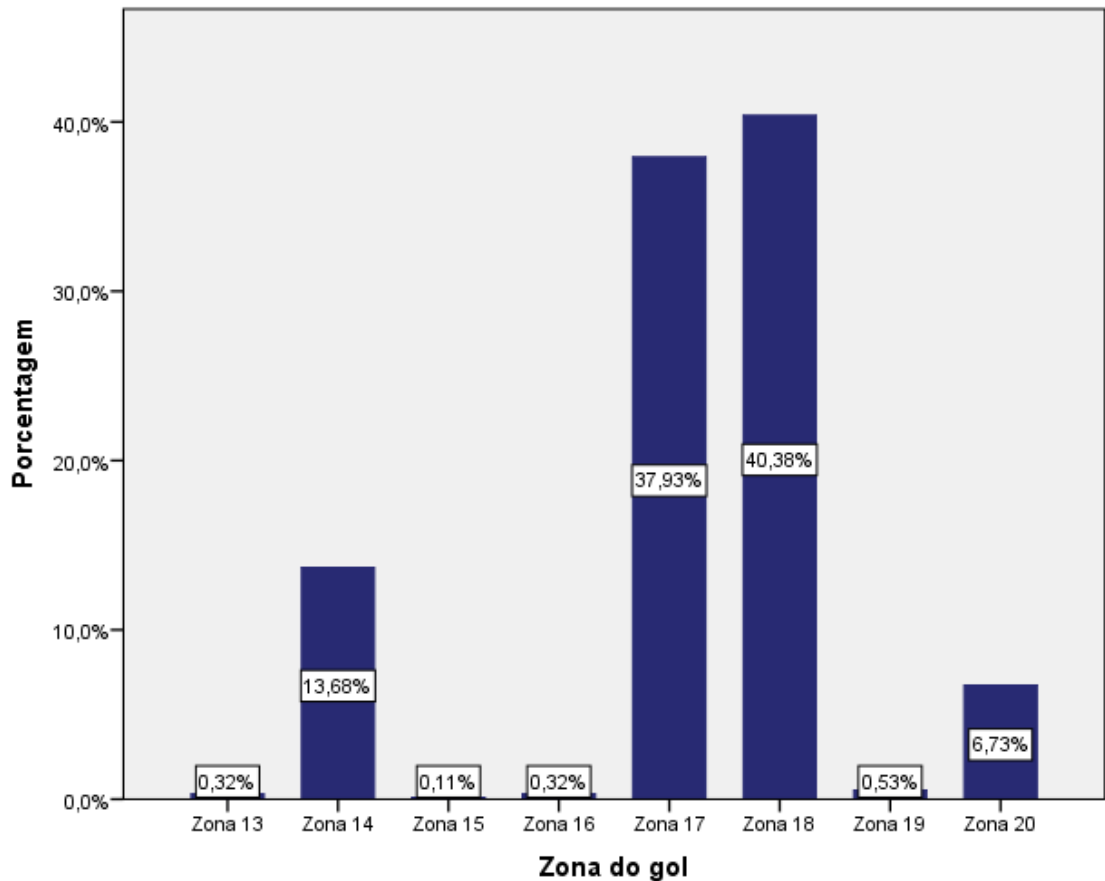


Figura 10 - Quantidade de gols nas zonas do campo

A realização dos gols dentro da área é muito mais representativa, visto que é uma zona muito próxima à meta adversária. Este achado não foi apenas no Campeonato Brasileiro 2013. Outros estudos também encontram resultados semelhantes, evidenciando pouca variação nos índices percentuais de ocorrência do gol nas zonas analisadas.

Cuenca e Cervera (2012) verificaram a incidência de gols em outro campeonato de alto nível (Eurocopa 2012) e acharam o valor de 88% para gols ocorridos de dentro da área.

Já para Chávez, Ceballos e Mesa (2012), o percentual de gols foi dividido em praticamente 83% para gols de dentro da área e 17% para gols ocorridos de fora da área.

Silva e Campos Júnior (2006) comentam a importância dos treinadores em treinar situações de finalização dentro da área, visto que em seu estudo houve um percentual superior a 80% dos gols ocorridos nesta zona.

Grant *et al.* (1998) mostraram resultados que indicam um percentual maior que 20% de gols ocorridos dentro da pequena área. Este resultado parece interessante, uma vez que este espaço do campo é de difícil penetração por tratar-se de um local fortemente guarnecido pelo goleiro.

Com relação aos gols de fora da área, alguns resultados sugeriram que os chutes de média e longa distância foram raros, ou então pouco eficazes (MORAES *et al.*, 2012). Além disso, pode ser que as equipes tenham preferido adentrar na área para depois finalizar e buscar o gol.

Diante destes resultados e da análise feita por Moraes *et al.* (2012), a zona central da área merece uma atenção dos treinadores, tanto ofensivamente (buscando o gol), quanto defensivamente (evitando ações do adversário).

Quanto à zona de último passe anterior ao gol, os resultados indicam a zona central externa à área (zona 14) como a de maior representatividade (185 vezes – 19,8%) neste Campeonato Brasileiro (2013). Isto pode ser observado na figura 11, onde estão apresentados os índices das cinco principais zonas de acontecimento do último passe anterior ao gol.

Além desta zona, outras também foram importantes, como as laterais à área (zonas 16 e 19 – 66 e 88 gols, respectivamente) e também as zonas de dentro da área (zonas 17 e 18 – 108 e 117 gols, respectivamente), sendo corroboradas pelo estudo de Moraes *et al.* (2012). No primeiro caso, pode ser devido a cobranças de escanteios e faltas vindas daquelas regiões, assim como cruzamentos com bola rolando. No segundo caso, a razão pode ter sido pelos excessivos passes laterais curtos dentro da área para que o companheiro tivesse o gol aberto a finalizar. Pode ser por isso que tenha havido percentuais assim quanto à zona do último passe anterior ao gol.

Por outro lado, muitos gols (232 vezes – 24,8%) não possuíram um passe que possa ter sido considerado como anterior ao gol neste estudo. Isto indica a quantidade de gols de bolas paradas, sobretudo faltas e pênaltis, assim como de rebote de goleiro ou com a participação de apenas um jogador, indicando não haver mais de um atleta na situação exposta.

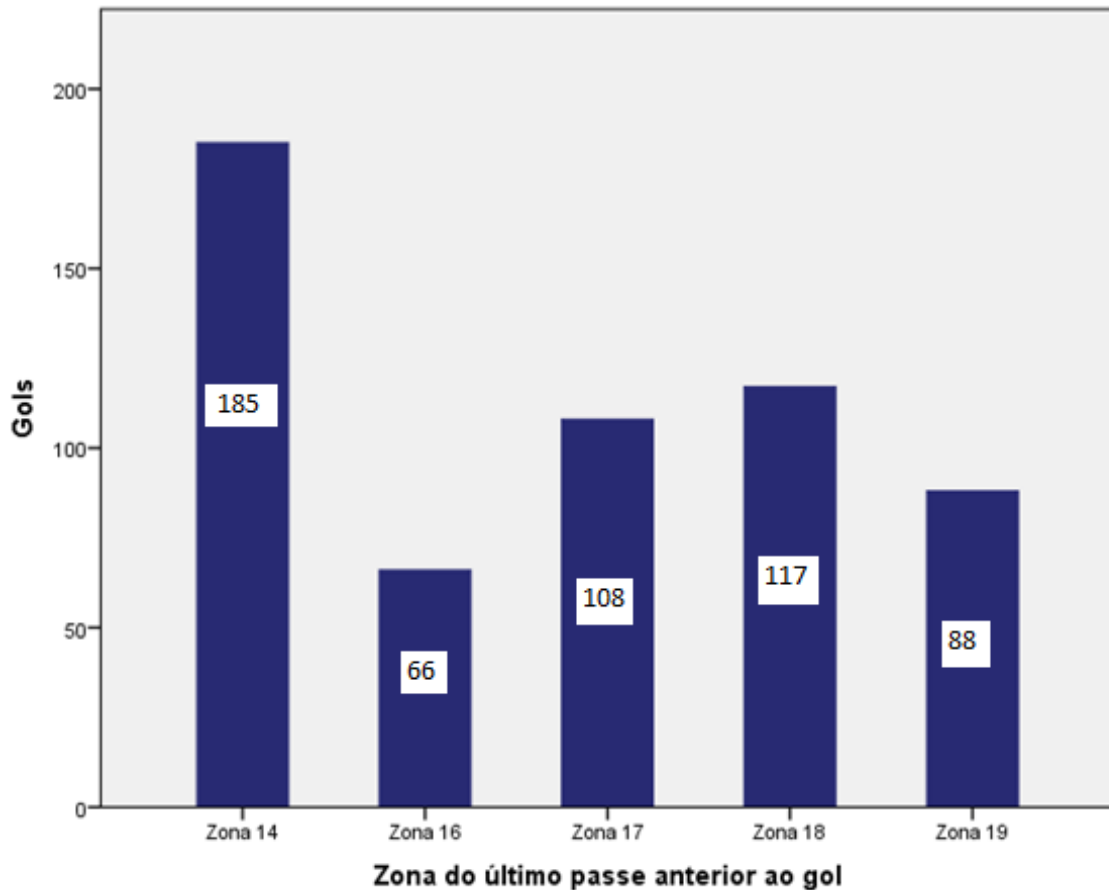


Figura 11 - Principais zonas de último passe anterior ao gol

Carvalho (2012) e Barletta (2009) afirmam que quanto mais próximo do gol, maiores são as chances de haver uma assistência, pois a distância interfere nas ações das equipes. Seus estudos demonstraram isto, visto que zonas mais próximas à baliza adversária obtiveram percentuais mais representativos.

Ao analisarem apenas a zona 14, Horn, Williams e Ensum (2002) descobriram que passes originados neste local eram mais vantajosos quando direcionados a grande área, ocasionando 85,7% dos gols analisados. Isto confirma a importância desta zona quando há uma assistência direta para um jogador que receberá a bola na área, pois haverá elevada chance de marcação do gol.

Uma justificativa decorre do fato de haver determinados tipos de passes que rompem sistemas defensivos e ocasionam gols. Para isto ocorrer, faz-se necessário que a equipe tenha pelo menos um jogador capaz de dar um passe de qualidade, além de um recebedor que saiba se movimentar e finalizar com maestria.

Além da zona de gol e de último passe anterior ao gol, este estudo procurou também investigar os locais (zonas) onde houve alguma troca de passes durante a

construção do gol. Isto nos proporciona identificar as rotas preferenciais de circulação da bola anterior ao acontecimento do gol. Os resultados encontrados, na análise desta variável, indicam (conforme tabela 1) que zonas ofensivas (13, 14 e 15) foram muito utilizadas, assim como a zona 5. Isto pode sugerir uma posse de bola das equipes no campo do adversário, sendo uma proposta de seus modelos de jogo, ou então um fato adaptado às exigências da partida.

A zona 5 pode ter tido um percentual interessante por tratar-se de uma área de roubada de bola e transição. Além disso, é numa região central do campo, o que favorece uma maior concentração de atletas neste espaço.

Referente às zonas laterais à área (zonas 16 e 19), o uso foi abaixo comparado ao percentual de zonas mais centrais do campo. Porém, a zona 19 (16,3%) teve um percentual superior à zona 16 (13,1%), mostrando que neste Campeonato Brasileiro (2013), as equipes buscaram, em termos de frequência, o corredor direito para suas manobras organizacionais ofensivas.

Tabela 1: Quantidade de passes nas principais zonas do campo

| | A ZONA NÃO FOI UTILIZADA | A ZONA FOI UTILIZADA UMA VEZ | A ZONA FOI UTILIZADA MAIS DE UMA VEZ |
|----------------|---------------------------------|-------------------------------------|---|
| ZONA 5 | 754 vezes - 80,6% | 105 vezes - 11,2% | 77 vezes - 8,2% |
| ZONA 13 | 777 vezes - 83% | 112 vezes - 12% | 47 vezes - 5% |
| ZONA 14 | 559 vezes - 59,7% | 210 vezes - 22,4% | 167 vezes - 17,8% |
| ZONA 15 | 774 vezes - 82,7% | 109 vezes - 11,6% | 53 vezes - 5,7% |
| ZONA 16 | 813 vezes - 86,9% | 105 vezes - 11,2% | 18 vezes - 1,9% |
| ZONA 19 | 784 vezes - 83,8% | 127 vezes - 13,6% | 25 vezes - 2,7% |

Além disso, vale ressaltar que estas duas zonas, quando utilizadas, possuíram, geralmente, apenas um passe nelas, podendo sugerir ações de

cruzamentos para gols, além de cobranças de bolas paradas resultantes de escanteios ou faltas laterais.

4.1.8 Quadrante da baliza

Neste estudo, a baliza (goleira) foi dividida em seis quadrantes iguais para identificar as zonas em que a bola ultrapassava quando da marcação do gol. Através da figura 12, pode-se perceber que o quadrante 4 (canto inferior direito do goleiro) foi o alvo mais atingido pelos finalizadores, ocasionando mais de 26% do total de gols assinalados. O quadrante menos utilizado para tal foi o de número 2 (superior central – 10,1%).

| | | |
|---------------------------------|---------------------------------|---------------------------------|
| 1 – 109 gols (11,6%) | 2 – 92 gols (10,1%) | 3 – 129 gols (13,8%) |
| 4 – 244 gols (26,1%) | 5 – 160 gols (17,1%) | 6 – 199 gols (21,3%) |

Figura 12 - Quantidade de gols em cada quadrante da baliza

Estes números podem indicar alguns aspectos importantes. Um deles é o número pequeno de gols ocorridos nos espaços superiores, demonstrando uma procura dos finalizadores por chutes rasteiros ou a meia-altura da baliza.

Esta justificativa é confirmada por Petrolí (2012), embora seus resultados sejam referentes às finalizações do Campeonato Gaúcho de juniores (2012), que é uma amostragem com nível de rendimento supostamente inferior ao do Campeonato Brasileiro de 2013. Entretanto, entendemos que este fato não invalida sua utilização nesta discussão. Este autor encontrou, nos juniores, percentuais elevados tendo por alvo os quadrantes baixos (4, 5, e 6) da baliza. Foram mais de 70% de chutes nestas regiões em toda a competição analisada.

Tratando-se de finalizações que resultaram em gols, este mesmo autor verificou que 32 gols (72%) ocorreram nas regiões inferiores da baliza, e apenas 13 (28%) na parte superior. Destes 32 gols, nas zonas inferiores, 17 aconteceram no quadrante 6, enquanto apenas 8 foram no quadrante 4.

No estudo ora apresentado, um quadrante que parece improvável de ter muitos gols (quadrante 5 – por tratar-se do espaço mais utilizado pelo goleiro) obteve o terceiro maior percentual (17,1%). Estes valores mostrados se assemelham com os encontrados por Petrolí (2012). Uma possível justificativa é a questão de haver gols originados de cruzamentos, obrigando o goleiro a movimentar-se e, conseqüentemente, não chegando a tempo para defender a bola.

4.1.9 Quantidade de jogadores

Os resultados indicam, conforme a figura 13, que quanto mais jogadores envolvidos, menos gols ocorrem. Neste campeonato, o maior percentual ocorreu com apenas um jogador participante (22,1%). Pode-se observar que os maiores percentuais situam-se até a participação de 4 jogadores na construção do gol. Com a participação de 10 e 11 atletas, no cenário de sua construção, foram apenas 0,5% do total de gols.

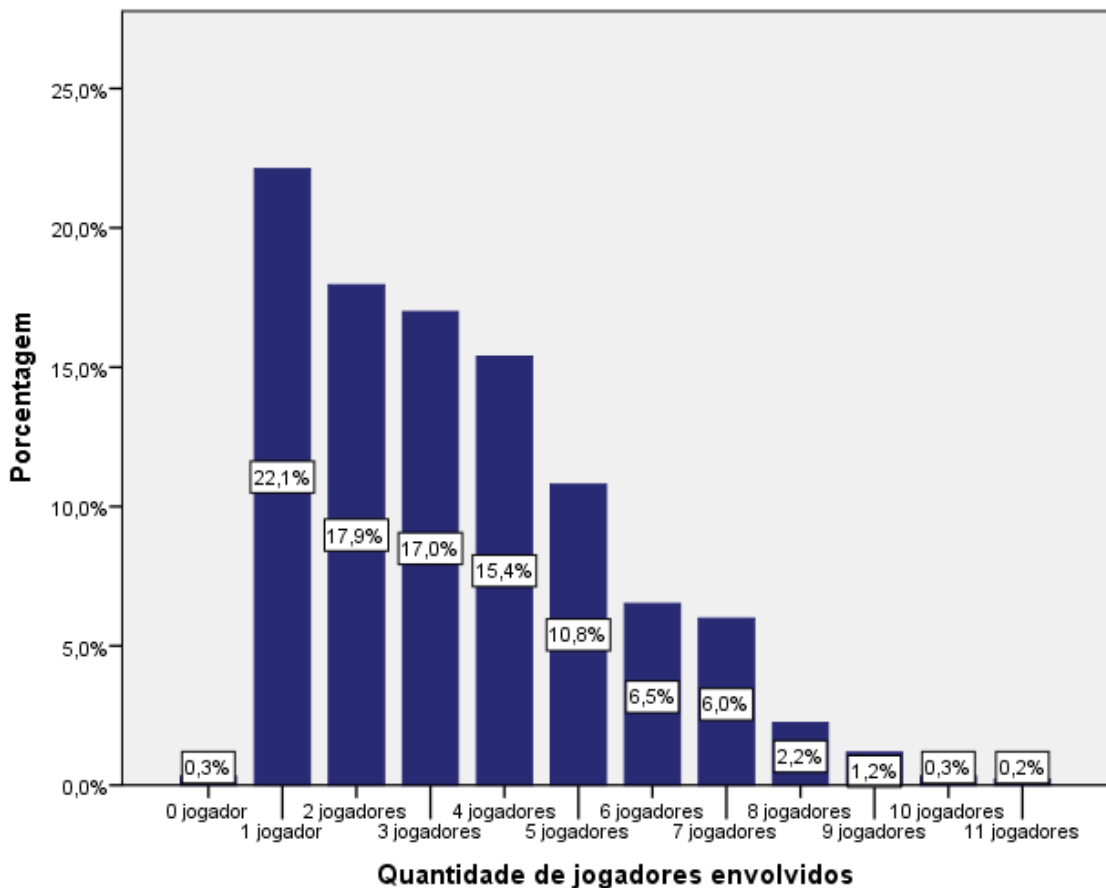


Figura 13 - Quantidade de jogadores envolvidos nos gols

Corroborando com este estudo, Carvalho (2012) afirma que poucos jogadores, normalmente 2 ou 3, participaram da construção dos gols da seleção italiana de futebol, dentro de uma Copa do Mundo (2006), onde a equipe sagrou-se campeã.

Isto demonstra que, no Campeonato Brasileiro (2013), as equipes por razões de dificuldade ou até mesmo por opção, em razão do modelo de jogo adotado, utilizaram poucos jogadores na organização de seus gols. Isto pode sugerir que, mesmo a equipe não utilizando ativamente seus jogadores, os mesmos são fundamentais para um equilíbrio de ataque/defesa, e ficam posicionados conforme o modelo estratégico proposto.

4.1.10 Posições dos finalizadores e dos jogadores envolvidos

Além da quantidade de jogadores envolvidos, buscou-se conhecer as posições que estiveram participando nas construções dos gols, seja na troca de passes ou na finalização ao gol. Conforme a tabela 2 pode-se perceber que os goleiros raramente participaram (apenas 79 vezes – 8,4%), assim como os laterais (397 vezes – 42,5%) e os zagueiros (284 vezes – 30,3%). Por outro lado, como é de se esperar, meio-campistas e atacantes frequentemente tocaram na bola (726 vezes – 77,5% e 668 vezes – 71,4%, respectivamente), seja uma, duas ou mais vezes.

Estes resultados são corroborados por Ramos e Oliveira Júnior (2008), que também identificaram uma maior participação dos jogadores mais avançados do que os defensores e goleiros.

Relativo aos goleiros, eles apenas participaram em trocas de passes com o uso de muitos atletas, quando realizaram gols, ou então em lances originados através de suas defesas (e consequente reposição da bola) e a partir de tiros de meta.

Os laterais, tão importantes no apoio pelo lado do campo, podem ser distinguidos em dois grupos: laterais apoiadores e laterais defensores. Isto variou entre as equipes e, por esta razão, parece justificar uma divergência nos valores encontrados, demonstrando que um mesmo lateral pode ter participado mais de uma vez na construção de um gol, enquanto outro pode nem ter tocado na bola.

Tabela 2: Posições dos atletas e suas participações nos gols

| | NÃO PARTICIPOU | PARTICIOU UMA VEZ | PARTICIOU MAIS DE UMA VEZ |
|-------------------|-----------------------|--------------------------|----------------------------------|
| GOLEIRO | 857 vezes - 91,6% | 79 vezes - 8,4% | ----- |
| LATERAL | 529 vezes - 57,6% | 228 vezes - 24,4% | 169 vezes - 18,1% |
| ZAGUEIRO | 652 vezes - 69,7% | 210 vezes - 22,4% | 74 vezes - 7,9% |
| MEIO-CAMPO | 210 vezes - 22,4% | 312 vezes - 33,3% | 414 vezes - 44,2% |
| ATACANTE | 268 vezes - 28,6% | 394 vezes - 42,1% | 274 vezes - 29,3% |

Os zagueiros são, geralmente, jogadores com estatura elevada e assim tornam-se fundamentais em bolas paradas, sobretudo em cobranças de faltas indiretas e escanteios. Em razão destas características, parece ser possível justificar os gols anotados (73) por estes defensores (figura 14).

Os meio-campistas também podem ser divididos em volantes, meias armadores, meia atacantes, enfim, possuem funções variadas dentro de uma mesma equipe. Porém, mesmo assim, é um setor do campo que participa, e muito, da construção dos gols. Além de marcarem quase 300 gols (figura 14) na competição, em pouco menos de 80% (tabela 2) dos gols eles participaram ativamente, seja tocando uma vez na bola ou mais.

Por fim, os atacantes são os mais cobrados na realização dos gols. Faz jus a isto, conforme apresentado na figura 14, o elevado número de gols marcados por estes especialistas (487). Porém, nem sempre ele apenas fará o gol. Nesta competição analisada, eles tiveram também uma decisiva participação no conjunto de passes anteriores ao gol (tabela 2).

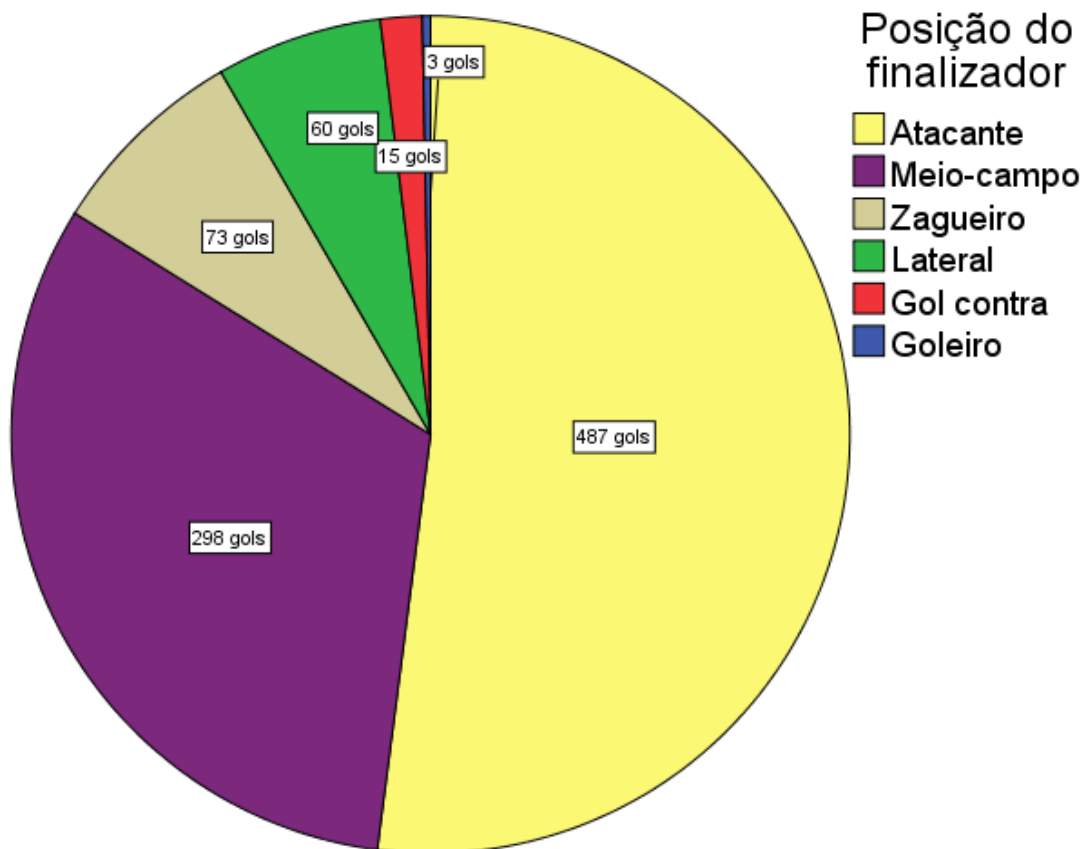


Figura 14 - Quantidade de gols por posições

4.1.11 Forma de finalização

A figura 15 mostra que o pé direito foi o mais utilizado para a realização dos gols. Ele representou mais de 50% do total. Juntamente ao pé esquerdo (26,8%) e à cabeça (19%), eles completaram, praticamente, todas as formas de realização do gol. A finalização através da coxa, peito, barriga, bem como outras partes e gols contra apresentaram um índice baixíssimo de ocorrência no Campeonato Brasileiro 2013 (2,1%).

Chávez, Ceballos e Mesa (2012) também concluíram que a maior representatividade dos gols é ocasionada pelos pés. Além disso, o gol contra representou apenas 2% do total das formas. Cunha (2006) encontrou valores superiores a 78% para indicar a quantidade de gols originados por um chute com os pés (direito ou esquerdo).

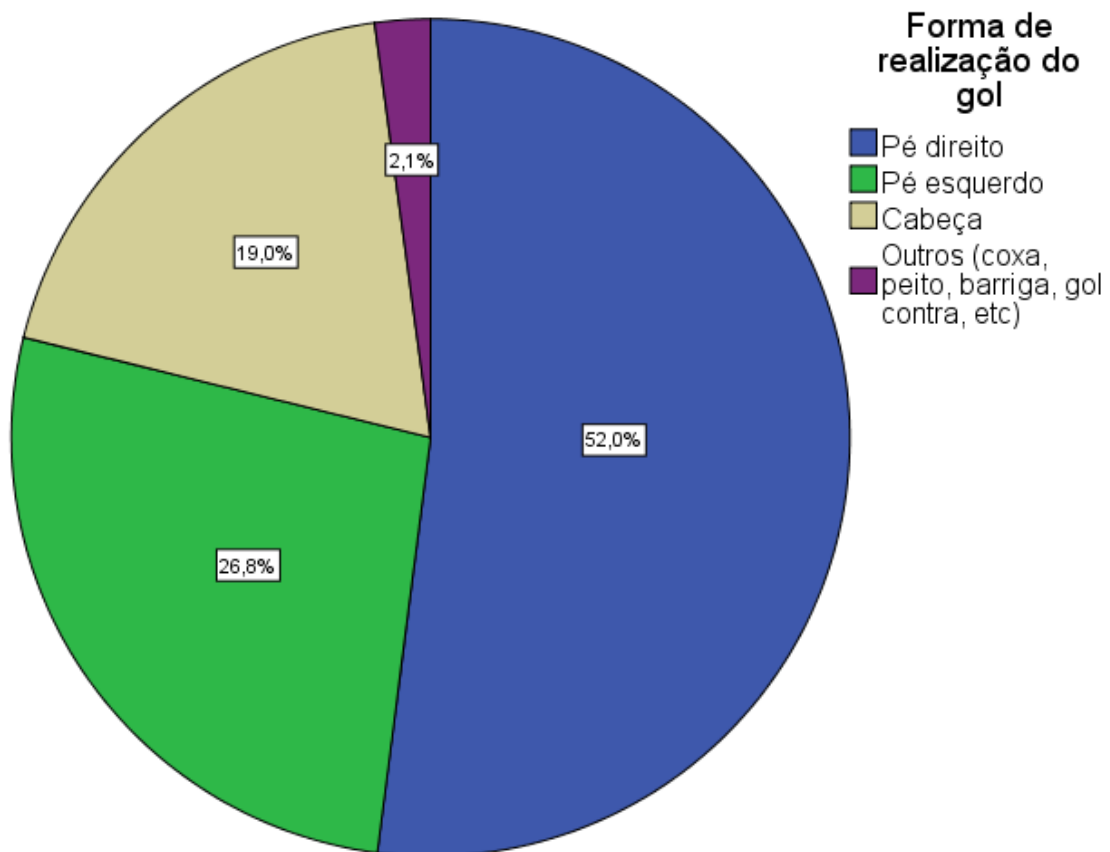


Figura 15 - Formas de realização dos gols

Uma explicação para isto vai ao encontro do proposto por Silva e Campos Júnior (2006) e por Cuenca e Cervera (2012). O futebol é um esporte jogado com os pés. Então, é de se esperar uma maior quantidade de gols feitos pelos pés, seja direito ou esquerdo. O fato de termos mais gols com o pé direito deve-se a maior quantidade de atletas destros, sendo o grupo dos canhotos restrito a poucos jogadores.

Em relação aos gols de cabeça, pode haver diferença em estudos de campeonatos diferentes. Isto dependerá da forma de jogar das equipes (uso de cruzamentos, por exemplo), e da importância da bola parada, que é um mecanismo favorável à realização deste tipo de gol, sobretudo em cobranças de escanteios ou faltas indiretas.

Barletta (2009) demonstrou que além das cobranças de escanteio diretas para a área, há a possibilidade de realizar uma cobrança curta e manter a posse de bola. Isto, novamente, indica a forma preferencial de jogar da equipe, colaborando, ou não, para um maior número de gols com a cabeça ou com os pés.

4.1.12 Quantidade de toques do finalizador

Dos 936 gols marcados no Campeonato Brasileiro 2013, mais de 85% aconteceu com um ou dois toques do jogador que marcou o gol. Segundo a figura 16, pode-se perceber que menos gols foram marcados com mais toques do finalizador.

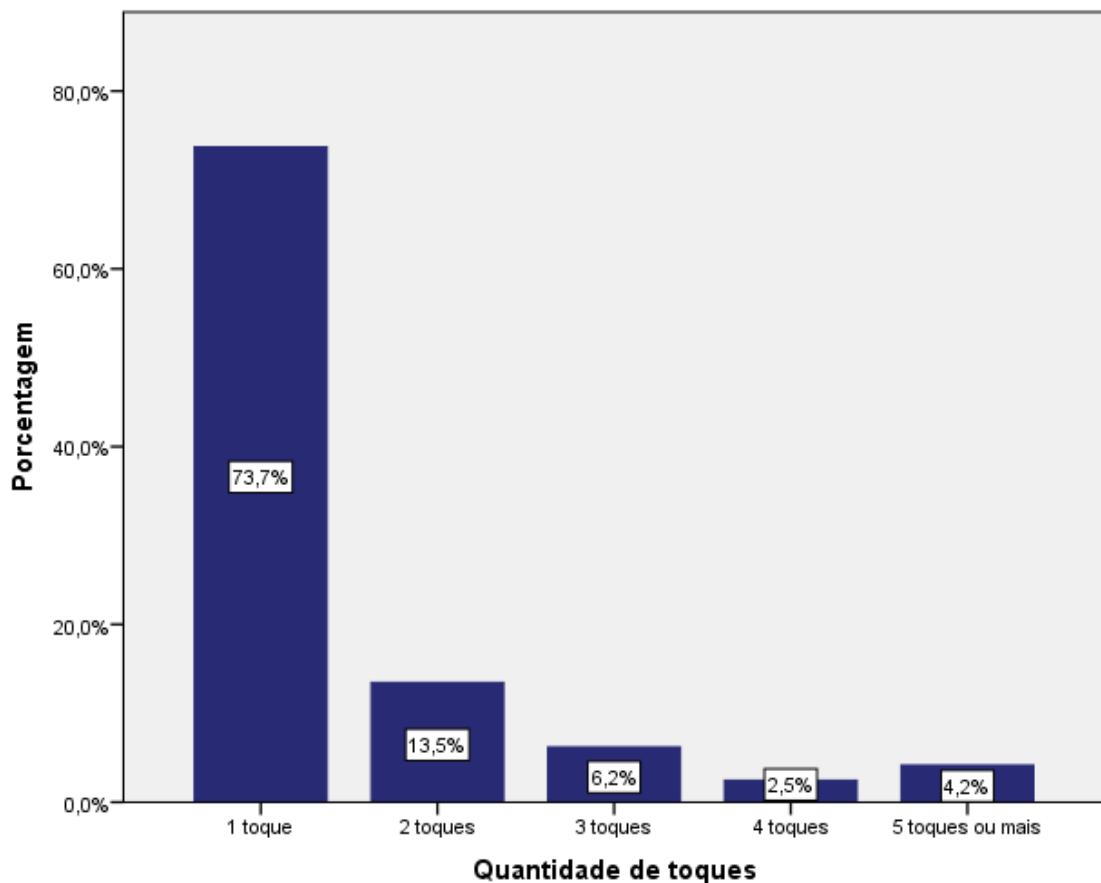


Figura 16 - Quantidade de toques do finalizador

Fora encontrado apenas um estudo na literatura acerca desta variável. Corroborando com estes dados, Grant *et al.* (1998), analisando a Copa do Mundo de 1998, também encontraram resultados semelhantes. Relativamente a este aspecto, entende-se ser muito difícil que um jogador tenha tempo e espaço para dar muitos toques na bola antes de finalizar, sobretudo no futebol atual. É senso comum que o futebol tem evoluído e um dos aspectos mais evidentes é o aumento da rapidez de suas ações na lógica sequencial do jogo. Justamente por uma nova velocidade de

jogo, os jogadores necessitam agir rapidamente. Por isso, entende-se que este seja um fator que influenciou estes resultados.

4.1.13 Quantidade de passes

Neste estudo, o número de passes da origem até a marcação do gol foi dividido em grupos. Conforme a figura 17, quase 65% dos gols foram construídos com a realização de 0 a 3 passes. Já, de 4 a 7 passes aconteceram 25% dos gols. Deste modo, somando-se os dois índices, é possível verificar que praticamente 90% dos gols foram assinalados com no máximo 7 passes anteriores à finalização. Isto mostra que o histórico de acontecimento do gol, na competição analisada, caracterizou-se por uma reduzida posse de bola.

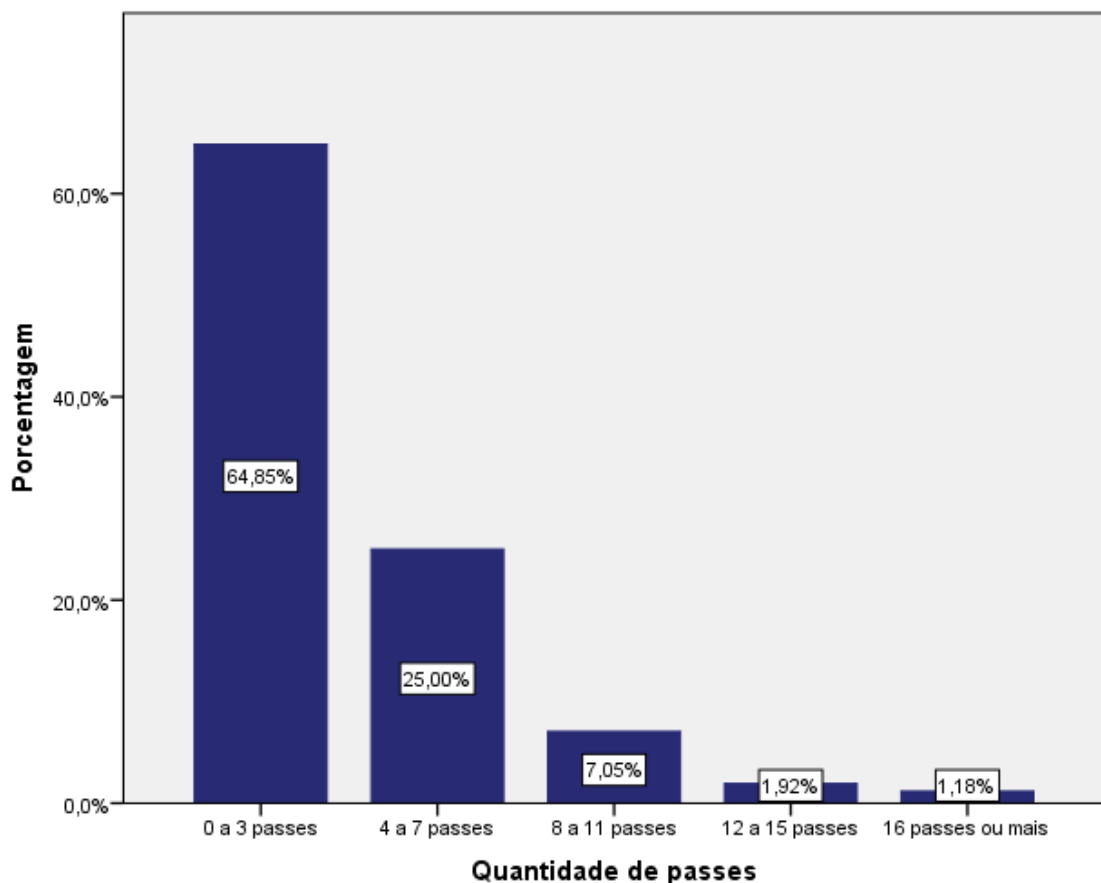


Figura 17- Quantidade de passes anteriores ao gol

Segundo Hughes e Franks (2005), esta mesma afirmação pode ser validada em seus estudos de diversas Copas do Mundo. Embora este tipo de competição

tenha um nível técnico elevado, muitos gols ocorreram com poucas trocas de passes.

Cunha (2003) também afirma que muita troca de passe exige muito tempo com a posse de bola. E isto não ocorreu na maioria dos jogos analisados, quando o resultado final da ação foi o gol.

Um dos motivos de ter pouca troca de passes pode ser explicado pela dificuldade das equipes em manter a posse de bola por muito tempo, sobretudo no Campeonato Brasileiro, que possui gramados diferentes e irregulares, além de uma qualidade técnica desigual entre todos os jogadores de uma mesma equipe.

Outro motivo pode ser a escolha do jogo de transição como característica de muitas equipes. No jogo de transição, a velocidade é fundamental, assim como a pouca troca de passes até o gol.

Alguns autores, como Low, Taylor e Williams (2002); Grant *et al.* (1998) e Taylor e Williams (2002), acreditam que quanto maior a qualidade técnica da equipe, maior a chance de haver mais troca de passes na construção dos gols.

Porém, espera-se que com a construção de novas arenas e, conseqüentemente, gramados com melhores condições, haja uma facilitação no momento de passar a bola. Este motivo, muito usado como desculpa pelas equipes, deve ser esquecido. A equipe que não conseguir trocar muitos passes antes de um gol supõe-se que não tenha a posse de bola como ideia principal de jogo, não tenha qualidade técnica dos seus jogadores para realizar isto, ou então o nível das equipes será tão próximo que impedirá supremacia de uma sobre a outra.

4.1.14 Tempo da jogada

Na realização dos 936 gols, quase 400 (42,6%) foram marcados com um tempo de 0 a 5 segundos desde a origem até a marcação do gol. Outros 192 (20,5%) levaram de 6 a 11 segundos. Gols com 30 ou mais segundos foram apenas 64 (6,8%). Estes valores podem ser conferidos na figura 18.

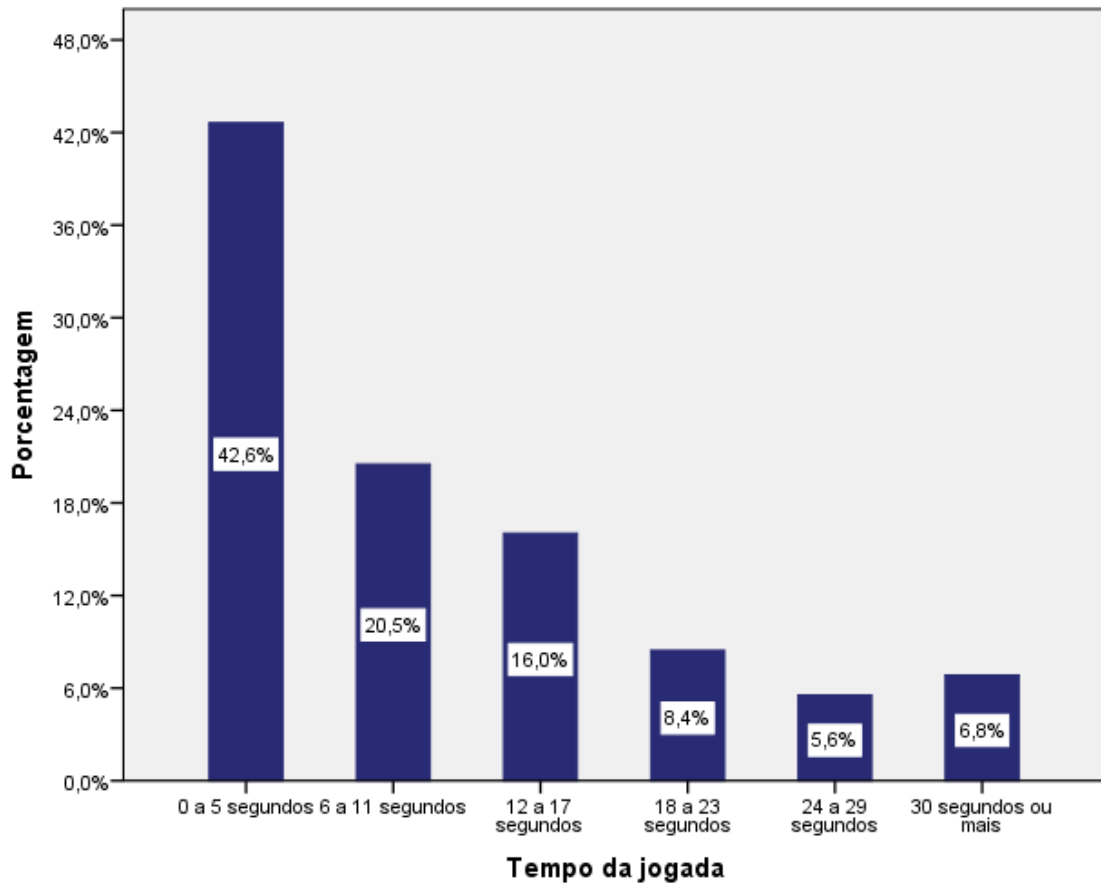


Figura 18 - Tempo da jogada na construção dos gols

Apesar de haver pouco estudo desta natureza, verificamos que Taylor e Williams (2002) e Grant *et al.* (1998) chegaram a resultados indicando o período de 6 a 10 segundos com posse de bola como um dos principais na obtenção dos gols.

Neste estudo ora apresentado, houve uma divergência quanto aos resultados apresentados por estes autores acima citados. Isto pode ser justificado pelo elevado número de gols de bola parada no Campeonato Brasileiro 2013, levando a tempos mínimos nas construções dos gols.

Além disso, outro fator que pode ser sugerido vai ao encontro do proposto na quantidade de trocas de passes. Quanto menos passe, menos tempo com a bola e mais rápida será a ação inerente à construção do gol. Ou seja, por ter havido muitos gols através de transições, a velocidade é alta e o tempo com a bola é mínimo.

4.1.15 Marcação do primeiro gol x resultado da partida

Uma informação interessante obtida neste estudo é a relação entre a equipe que marcou o primeiro gol da partida com o resultado final da mesma. Conforme a figura 19 pode-se perceber que em quase 90% das situações, a equipe detentora do primeiro gol não perdeu a partida em questão.

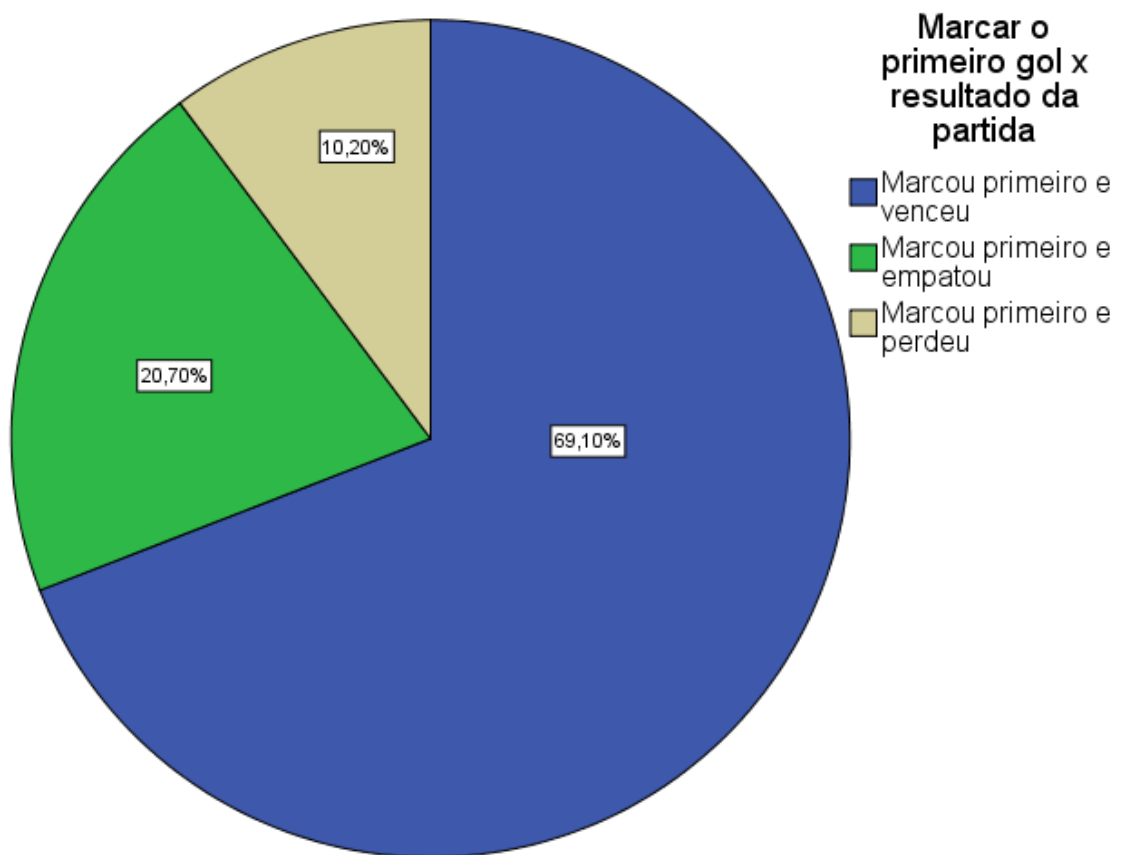


Figura 19 - Marcação do primeiro gol x resultado da partida

Como visto, em quase 70% das vezes em que uma equipe marcou o primeiro gol, ela venceu a partida. Isto pode ser devido à obrigação da equipe que sofreu o gol em mudar sua estratégia, muitas vezes abrindo mais espaços defensivos em prol de uma busca ofensiva pelo gol de empate, oportunizando maiores chances de gols para a equipe que já estará em vantagem no placar.

Outra explicação pode decorrer do fato da maioria dos jogos ter um reduzido número de gols assinalados. Deste modo, estes dados parecem sugerir que

começar ganhando facilita o processo da busca pela vitória, pois dificilmente outros tantos gols acontecerão no decorrer do jogo, conforme demonstrado na figura 6.

Além disso, realizar o primeiro gol do jogo facilita o processo de conquista de, pelo menos, um ponto (empate). Esta lógica pode ser interessante em jogos fora de casa, os quais, frequentemente, ao proporcionarem um empate, já contentam a equipe visitante.

Marcar o primeiro gol dificulta, e muito, uma virada no placar da partida. Por isso, em apenas 10,2% dos casos houve uma derrota por parte da equipe que abriu o escore do jogo analisado. Tratando-se de Campeonato Brasileiro, há um equilíbrio por parte de muitas equipes. Com isso, buscar o primeiro gol é fundamental, pois se assim for, a probabilidade de derrota parece diminuir.

Portanto, apesar destes resultados necessitarem maiores análises e estudos, pode-se ter uma ideia de que marcar o primeiro gol do jogo é fundamental para o encaminhamento das ações posteriores e, conseqüentemente, a vitória estará mais próxima.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cumprindo com os objetivos deste trabalho, faremos a seguir algumas considerações referentes aos resultados encontrados acerca do perfil dos gols no Campeonato Brasileiro 2013. Esta sucinta análise conclusiva tem por propósito contextualizar as informações obtidas, além de permitir que implicações inerentes ao âmbito do estudo possam avançar no sentido de enriquecer o debate e o respectivo conhecimento das variáveis investigadas.

A partir dos níveis das equipes e dos gols pró e sofridos, o estudo pode sugerir que sofrer poucos gols é mais interessante do que fazer muitos gols. As equipes melhores classificadas obtiveram valores muito semelhantes com relação aos gols marcados. Porém, em contrapartida, sofreram poucos gols, comparadas às outras equipes participantes da competição analisada. Isto permite pensar que uma equipe necessita, primeiramente, organizar seu sistema defensivo, para depois planejar as ações ofensivas.

Com relação à ordem do gol, os resultados indicaram uma frequência muito baixa de escores elevados nas partidas. Isto pode sugerir que as equipes possuem qualidades técnicas e táticas similares, não permitindo domínios de um clube sobre o outro dentro do mesmo jogo. Outra razão deste acontecimento pode ser em virtude dos modelos de jogo das equipes, que nem sempre são, prioritariamente, baseados em ações ofensivas.

Sendo analisada a variável mando de campo, confirmou-se a expectativa de que os mandantes marcavam mais gols do que os visitantes. Uma explicação pode ser sustentada na conjectura de que os sediantes possuem um comportamento mais ofensivo quando na condição de mandante. E para este comportamento, a literatura sugere que as principais razões se devem ao apoio da torcida, que pressiona adversário e árbitro, às condições do gramado, que já é conhecido previamente pela equipe, aos transtornos provocados pelas viagens, que são maximizados em países continentais, como o Brasil, entre outros.

O tempo de jogo com maior ocorrência de gols foi o período final das partidas, o que vem ao encontro do indicado pelos estudos referenciados pela literatura. Como não foi objeto deste estudo buscar as causas, as razões para este acontecimento podem ser de naturezas variadas. Contudo, em razão desta

informação, cabe sugerir que as equipes devem proteger-se mais nestes momentos, ou aproveitar que o adversário está vulnerável e atacar, a fim de obter uma vitória, ou, simplesmente, buscar um empate.

Analisando os índices sobre a origem do gol (erro do adversário e roubada de bola), a zona de passe (central), o tempo da jogada (0 a 5 segundos), quantidade de toques dados pelo finalizador (1 toque) e a quantidade de passes (0 a 3 passes), pode-se inferir que o futebol brasileiro, sobretudo neste campeonato, esteve fundamentado em momentos de transição. Isto pode significar que as equipes esperavam um erro do adversário, ou um momento de roubar a bola, em zonas centrais do campo para partirem em contra-ataque, com poucos passes e em velocidade.

Além disso, com relação à origem dos gols, confirmou-se que a bola parada segue sendo um momento de muita importância, pois define partidas tanto ofensivamente quanto defensivamente. É uma ação do jogo que requer treinamento e atenção por parte dos envolvidos.

Como era esperado, o pé direito foi o maior responsável pelos gols, sugerindo que, no futebol brasileiro, há mais destros do que canhotos. Além disso, as posições envolvidas na construção e finalização do gol confirmaram o esperado: meio-campistas organizam as jogadas, atacantes finalizam. Isto ainda pode indicar que o futebol segue a lógica do passado, a qual determinava funções específicas por posições, ocasionando surpresas eventuais, mas mantendo um padrão na maior parte do tempo.

Com relação às zonas do campo, no Campeonato Brasileiro, o maior percentual de gols aconteceu pelo lado direito da área, além do último passe ser da zona central intermediária. Isto indica que a maioria dos gols ainda ocorre dentro da área, havendo pouquíssimas finalizações de média e longa distância, ou um percentual inferior de aproveitamento neste tipo de lance. Os jogadores preferem dar uma assistência nesta região a fim de que um companheiro possa ter melhores condições de finalização numa zona mais próxima da baliza.

Os índices sobre os quadrantes da baliza ainda mostram a preferência dos finalizadores em chutes rasteiros ou meia-altura. Pode-se traçar um paralelo com relação ao local do chute, pois em locais próximos à baliza há menos disposição dos finalizadores em chutar alto, pois pode haver um comprometimento maior de erros.

Além disso, os percentuais encontrados confirmam que marcar o primeiro gol do jogo facilita, e muito, a busca pela vitória na partida. Isto pode ser sugerido em virtude de uma maior tranquilidade por parte da equipe marcadora, que já estará em vantagem no jogo, e uma mudança de comportamento do adversário, que, às vezes, pode deixar espaços vulneráveis, ocasionando mais gols sofridos.

Por fim, e não menos importante, sugere-se que novos estudos nesta área possam ser produzidos, a fim de aumentar o conhecimento sobre o momento mais importante de uma partida de futebol: o gol.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Lucas Gomes de; OLIVEIRA, Márcio Lopes de; SILVA, Cristiano Diniz da. Uma análise da vantagem de jogar em casa nas duas principais divisões do futebol profissional brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 1, p.49-54, jan./mar. 2011.

ANDERSON, Chris; SALLY, David. **Os números do jogo: por que tudo que você sabe sobre futebol está errado**. São Paulo: Paralela, 2013.

ARAÚJO, Duarte. **Tomada de decisão no desporto**. Lisboa: FMH, 2006.

BARLETTA, Francisco Garcia. **Análise da origem, ocorrência e execução dos gols no futebol**. 2009. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 10 out. 2013.

BARROS, Ricardo Machado Leite de *et al.* Sistema para anotação de ações de jogadores de futebol. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v. 2, n. 10, p.07-14, abr. 2002.

BATISTA, Rodrigo Munarolo. **Scout - Reflexões a respeito de uma aplicação prática**. 2004. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BENTO, Douglas *et al.* **Relação entre o gol marcado antes dos quinze minutos de partida e o resultado final de jogo no futebol**. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 01 fev. 2014.

CARDOSO, Júlio César. **Campeonatos Brasileiros – Média de gols por jogo (desde 1971)**. Disponível em: <<http://www.futdados.com>>. Acesso em: 08 dez. 2013.

CARRAVETTA, Elio. **O enigma da preparação física no futebol**. Porto Alegre: AGE, 2009.

CARVALHO, Gustavo Falcão de. **Análise detalhada sobre os gols da seleção italiana na Copa do Futebol de 2006**. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

CHÁVEZ, Hernando Fabio Martínez; CEBALLOS, Bryan Santiago Patiño; MESA, Juan Esteban Giraldo. **Identificación de las acciones ofensivas que originan los remates que terminan en gol mediante el análisis del Mundial de Fútbol Sudáfrica 2010**. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 nov. 2013.

CUENCA, Luis Tomás Ródenas; CERVERA, Juan Mercé. **Análisis de los goles marcados durante la Eurocopa de Polonia y Ucrania en 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

CUNHA, Fabio Aires da. **Análise dos gols marcados na Copa do Mundo de 2006.** 2006. Disponível em: <<http://www.fcunha.com.br>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

CUNHA, Fabio Aires da. **Correlação entre vitórias e passes errados no futebol profissional.** 2003. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 jan. 2014.

CUNHA, Sergio Augusto; BINOTTO, Mônica Ribeiro; BARROS, Ricardo Machado Leite de. Análise da variabilidade na medição de posicionamento tático no futebol. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 15, p.111-116, 2001.

DRUBSCKY, Ricardo. **Universo tático do futebol.** Belo Horizonte: Health, 2003.

ENSUM, Jack; TAYLOR, Sam; WILLIAMS, Mark. A Quantitative Analysis of Attacking Set Plays. **The F. A. Coaches Journal**. p. 68-72. 2002.

ENSUM, Jake; WILLIAMS, Mark; GRANT, Andy. An Analysis of Attacking Set Plays in Euro 2000. **The F. A. Coaches Journal**. p. 36-39. 2000.

FERNANDES, José Luís. **Futebol: Ciência, Arte ou... Sorte! Treinamento para profissionais - alto rendimento: preparação física, técnica, tática e avaliação.** São Paulo: EPU, 1994.

FERREIRA, Ricardo Lucena. **Futsal e a iniciação.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1994.

FERREIRA, Rafael Bertulozo; PAOLI, Próspero Brum; COSTA, Felipe Rodrigues da. **Proposta de 'scout' tático para o futebol.** 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 fev. 2014.

FIFA. **Regras do Jogo.** 2013. Disponível em: <<http://www.pt.fifa.com>>. Acesso em: 01 jun. 2013.

FORGIARINI, Elton Francisco; LIBERALI, Rafaela; ALMEIDA, Roberto de. As manobras ofensivas que originam situações de gols no futebol. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 2, n. 04, p.14-18, jan./abr. 2010.

GARGANTA, Júlio. A análise da performance nos jogos desportivos. Revisão acerca da análise de jogo. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 1, n. 1, p.57-64, 2001.

GIB, Matheus Arns. **Análise descritiva das cobranças de pênaltis resultadas em gol na Série A do Campeonato Brasileiro de futebol de 2010, 2011 e 2012.** 2013. 34 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

GOMES, Paulo Victor Rodrigues *et al.* **Incidência de gols no campeonato brasileiro de futebol da série A 2009.** 2011. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 12 dez. 2013.

GRANT, Andy *et al.* Analysis of the Goals Scored in the 1998 World Cup. **The F. A. Coaches Association Journal**. p. 18-20. 1998.

GRANT, Andy *et al.* Analysis of the Successful and Unsuccessful Teams in the 1998 World Cup. **The F. A. Coaches Journal**. 1998.

GUILHERME, Paulo. **Mini-Enciclopédia do Futebol Brasileiro**. Editorial S/A: Arete, 2004.

HORN, Rob; WILLIAMS, Mark; ENSUM, Jake. Attacking in Central Areas: A Preliminary Analysis of Attacking Play in the 2001/2002 Premiership Season. **The F. A. Coaches Journal**. p. 28-31. 2002.

HUGHES, Mike; FRANKS, Ian. Analysis of passing sequences, shots and goals in soccer. **Journal Os Sports Sciences**. p. 509-514. mai. 2005.

KLEIN, Marco Aurélio. **O Almanaque do Futebol Brasileiro**. São Paulo: Escala, 1996.

LEITÃO, Rodrigo Aparecido Azevedo. **Futebol - Análises qualitativas e quantitativas para verificação e modulação de padrões e sistemas complexos de jogo**. 2004. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

LOW, David; TAYLOR, Sam; WILLIAMS, Mark. A Quantitative Analysis of Successful and Unsuccessful Teams. **The F. A. Coaches Journal**. p. 86-88. 2002.

MATOS, Marco Bruno Ribeiro de. **A evolução do "Factor Casa" e a percepção dos jogadores de Futebol das principais divisões portuguesas face aos factores de localização do jogo**. 2009. 126 f. Monografia (Especialização) - Faculdade de Desporto, Universidade do Porto, Porto, 2009.

MEDEIROS FILHO, Edson Soares; HADDAD, João Paulo Amaral. Futebol Profissional: "Campo Cheio" não ajuda a ganhar jogo. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p.123-135, set. 2008.

MIGUEL, Henrique. **Análise temporal dos gols anotados durante a disputa da Eurocopa de seleções 2012**. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 01 dez. 2013.

MORAES, José Cícero *et al.* Perfil caracterizador dos gols em equipes de futebol de elevado rendimento. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo, v. 4, n. 12, p.140-150, maio/ago. 2012.

NONNEMACHER, Guilherme; VOSER, Rogério da Cunha. **Análise das defesas dos goleiros de seleções nas cobranças de pênaltis**. 2012. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

- PEREIRA, Alcir Jesus; BANDEIRA, Fábio; TONET, Fernando. Análise quantitativa de gols no Campeonato Brasileiro de 2006. **Revista Uniandrade**, Curitiba, v. 10, n. 2, p.19-27, jul./dez, 2009.
- PESTANA, Maria Helena; GAGEIRO, João Nunes. **Análise de dados para ciências sociais. A complementariedade do SPSS**. Lisboa: Sílabo, 2005
- PETROLI, Thiago Carboni. **Análise do chute ofensivo nos jogos do Campeonato Gaúcho de futebol júnior 2012**. 2012. 37 f. TCC (Graduação) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- POLLARD, Richard. Home advantage in soccer: a retrospective analysis. **Journal Sports Science**. p. 237-248, 1986.
- RAMOS, Luiz Antônio; OLIVEIRA JÚNIOR, Mário Henrique de. Futebol: classificação e análise dos gols da EuroCopa 2004. **Revista Brasileira de Futebol**, Viçosa, v. 1, n. 1, p.42-48, jan./jul. 2008.
- RAMOS FILHO, Luiz Antonio de Oliveira; ALVES, Daniel Medeiros. Análise do Scout individual da Equipe Profissional de Futebol do Londrina Esporte Clube no Campeonato Paranaense de 2003. **Revista Treinamento Desportivo**, v. 7, n. 1, p.62-67, 2006.
- SAES, Luis Rodolfo; JESUS, Eden Carlos de; SOUZA, Fabiano de Barros. **Análise quantitativa e qualitativa dos gols da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 2002**. In: XI ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E VII ENCONTRO LATINO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 2007, São José dos Campos, Universidade do Vale do Paraíba, 2007. Disponível em: <http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2007/trabalhos/trabalhos04.html>.
- SAMPAIO, Jaime; JANEIRA, Manuel. A vantagem em casa nos jogos desportivos colectivos: revisão da literatura centrada no Basquetebol e no modelo de Courneya e Carron. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 5, n. 2, p.235-246, maio 2005.
- SILVA, Cristiano Diniz da. **A vantagem de jogar em casa: uma avaliação no futebol brasileiro na temporada de 2003**. 2004. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 23 mar. 2014.
- SILVA, Pedro Miguel Moreira Oliveira e. **A Análise do Jogo em Futebol: Um estudo realizado em clubes da Liga Betandwin.com**. 2006. 288 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Técnica de Lisboa, Lisboa, 2006.
- SILVA, Cristiano Diniz da; CAMPOS JÚNIOR, Rogério Moreira. **Análise dos gols ocorridos na 18ª Copa do Mundo de futebol da Alemanha 2006**. 2006. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 21 nov. 2013.

SILVA, Cristiano Diniz da; MEDEIROS, Nísio Cunha; SILVA, Ana Cristina Diniz da. Vantagem em casa no campeonato brasileiro de futebol: efeito do local do jogo e da qualidade dos times. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 2, n. 12, p.148-154, 2010.

SILVA, Cristiano Diniz da; MOREIRA, Danilo Gomes. A vantagem em casa no futebol:: comparação entre o Campeonato Brasileiro e as principais ligas nacionais do mundo. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 2, n. 10, p.184-188, 2008.

SOUZA, Esdras Lúcio Novaes de; FARAH, Breno Quintella; DIAS, Raphael Mendes Ritti. Tempo de incidência dos gols no Campeonato Brasileiro de futebol 2008. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 34, n. 2, p.421-431, abr./jun. 2012.

TAYLOR, Sam; WILLIAMS, Mark. A Quantitative Analysis of Brazil's Performances. **The F. A. Coaches Journal**. p. 29-32. 2002.

YIANNAKOS, Athanasios; ARMATAS, Vasilis. Evaluation of the goal scoring patterns in European. **International Journal Of Performance Analysis In Sport**. Cardiff, p. 178-188. jun. 2006.

ZAPPA, Mario. **El Fútbol. Su técnica - Su espíritu**. Barcelona: M. Arimany, 1947.

